



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Ana Carolina Lopes Elias

Os CAFÉS COMO ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE
O CASO DA BAIXA DE COIMBRA

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,
orientada pelo Professor Doutor Nuno Carlos Pedroso de Moura Correia
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2021

Os Cafés como espaços de sociabilidade

O caso da Baixa de Coimbra



Agradecimentos

Ao longo de todo este percurso, efetuado no âmbito do Curso de Mestrado Integrado em Arquitetura, da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, foram alguns os obstáculos que se manifestaram. Contudo, foram-se ultrapassando e pretendo manifestar neste momento o meu profundo reconhecimento a todos os que de alguma forma contribuíram para a sua realização, designadamente professores, colegas, familiares e amigos. Assim, agradeço particularmente:

Ao Professor Nuno Correia, principalmente pela paciência durante este longo percurso e por ter decidido aceitar orientar o meu trabalho demonstrando sempre interesse e curiosidade sobre o tema escolhido.

À Doutora Isabel Lopes Gomes, pela orientação inicial do meu trabalho e que de forma sábia me deu toda a liberdade, sem deixar de me guiar no caminho mais conveniente, interessante e de aproveitamento do meu gosto pessoal.

À minha mãe, Isabel, e ao meu pai, Pedro, pelo apoio incondicional.

À minha irmã Beatriz, ao meu namorado Will e à minha avó Zita, sempre presentes e apoiantes em todos os momentos, pela paciência e por me empurrarem para a frente.

Aos meus amigos que me acompanharam e que, mesmo longe, se preocuparam e me deram apoio na realização deste trabalho.

Índice

Agradecimentos	5
Índice	7
Resumo.....	9
Abstract	11
Introdução.....	13
Estado da arte	19
I – O Café como bebida e como espaço social	29
O Café em Portugal.....	29
O aparecimento dos primeiros Cafés	33
Cafés Históricos	41
II – Os Espaços dos Cafés – Arquitetura e Design	47
Materialidade dos espaços.....	47
<i>Design</i> Gráfico e Publicidade.....	57
III – Os Cafés de Coimbra	67
Os Núcleos da Cidade	67
Os Cafés da Baixa.....	71
Os Cafés de hoje	91
Conclusão	95
Bibliografia	99
Monografias	99
Periódicos.....	101
Fontes Eletrónicas.....	103
Outras Fontes Documentais.....	104
Fonte das imagens	105
Anexos.....	109
Anexo I – Projeto Café Portugal	110
Anexo II – Referência a obras de Leopoldo de Almeida.....	117
Anexo III – Projeto Café Montanha	119

Resumo

A segunda metade do século XIX e o início do século XX geraram em Portugal, e no resto da Europa, enormes alterações a nível social, político e financeiro. A I Guerra Mundial originou uma profunda crise e, conseqüentemente, uma diminuição das condições de vida da população. A década de 20 trouxe uma grande vontade de inovar, de modernizar e, acima de tudo, um sentimento de liberdade que se veio a concretizar com a importação de espaços de diversão e de sociabilidade, como os cafés, na Europa. Estes espaços passaram a integrar o quotidiano da população tornando-se partes importantes na definição das cidades e de quem as vive. Possibilitaram ambiências sociais e culturais que ficaram marcadas para sempre na história pelo seu valor material e imaterial e pelas memórias que criaram e que foram deixadas através de peças de artes especificamente desenhadas para cada espaço por artistas locais.

Em Coimbra, objeto de estudo deste trabalho, esse movimento foi igualmente sentido, sendo possível localizar o seu próprio conjunto de cafés com história espalhados por vários núcleos da cidade. Apesar de muitos deles terem caído no esquecimento, é necessário relembrar a importância que estes cafés tiveram para a sociedade e valorizar e preservar a história e o local dos que ainda existem.

Palavras-Chave: Cafés Históricos, Espaços de Sociabilidade, Baixa de Coimbra, Século XX.

Abstract

The second half of the 19th century and the beginning of the 20th century generated in Portugal, and in the rest of Europe, enormous changes in social, political and financial terms. The 1st World War brought about a deep crisis and, consequently, a decrease in the living conditions of the population. The 1920's brought a great desire to innovate, modernize and, above all, a feeling of freedom that materialized with the importation from Europe of spaces for fun and sociability, such as cafés. These spaces became part of the population's daily life, becoming important parts in defining cities and those who lived there. They enabled social and cultural environments which were forever marked in history by their material and immaterial value and by the memories they created and which were left through pieces of art, specifically designed for each space by local artists.

In Coimbra, the object of study of this work, this movement was equally felt, being possible to locate its own set of cafés with a history spread throughout various parts of the city. Although many of them have been forgotten for different reasons, it is necessary to remember the importance that these cafés had for society and to value and preserve the history and location of those that still exist.

Keywords: Historic Cafés, Spaces of Sociability, Downtown Coimbra, 20th Century.

Introdução

O café como bebida tem uma presença constante na vida de muitas pessoas e em muitos países do mundo. Todos os dias, o hábito de tomar café é repetido milhões de vezes sem que ninguém questione a razão desse costume. Esta bebida, que a maioria de nós considera imprescindível no dia-a-dia, teve, no passado, uma importância enorme no desenvolvimento de diversos territórios, nomeadamente no Brasil, uma vez que o seu cultivo e exportação marcaram de forma indelével a história do país.

O espaço eleito para o consumo desta bebida nem sempre existiu como hoje em dia o conhecemos. O hábito de beber café foi-se enraizando nas sociedades mas, numa fase inicial, o que era transacionado eram os grãos de café destinados à preparação da bebida. O desenvolvimento das cidades resultante de avanços e melhorias económicas proporcionou a criação de espaços destinados ao lazer e à interacção social tão desejados após a I Guerra Mundial. Ainda antes, no início do século XX, assiste-se à abertura de diversos cafés em diferentes cidades da Europa que visavam o convívio social e a partilha de um espaço comum onde era possível discutir ideias e conversar enquanto se bebia um café.

Em Portugal, apesar da opressão sentida, no início do século XX, o regime republicano possibilitou uma “libertação social e cultural”, contribuindo para o desenvolvimento da cultura urbana, social e moderna das principais cidades portuguesas, tais como, Porto, Coimbra e Lisboa. Os anos 20 portugueses começam a caminhar em sintonia com o panorama internacional, desenvolvendo uma “nova cultura de massas, de democratização do lúdico e de eletrificação das cidades”, transferindo a boémia para um campo da sociedade elegante. (Vaz, 2009, p. 6) Como consequência, foram desenvolvidas novas indústrias e assistiu-se a uma crescente melhoria das condições de vida. Os centros das cidades começam a assumir a função de comércio e serviços com a deslocação das indústrias para as áreas periféricas. É neste contexto que os cafés assumem na sociedade portuguesa

um papel predominante, favorecendo o desenvolvimento de uma boémia social que, pouco a pouco, ganhou uma importância inequívoca nos hábitos de lazer.

Era nos cafés que os principais escritores, ilustradores e *designers* exibiam e conferiam notoriedade ao seu trabalho artístico, designadamente na decoração e promoção dos espaços, desenho do mobiliário e conceção dos suportes publicitários. A importância do aparecimento destes espaços foi muito além do mero fenómeno da proliferação do consumo do produto café ou da exploração dos estabelecimentos em si mesmos, dando origem a um movimento alargado de modernização da sociedade e assumindo um papel importante de influência no dia-a-dia dos habitantes das cidades.

A forma como estes espaços estavam organizados e decorados refletia a comunidade que integravam e para quem se destinavam. Tentava-se primar pela originalidade, pelo conforto e pela variedade de serviços proporcionados e as pessoas que frequentavam cada um destes locais contribuía, para o seu desenvolvimento conferindo-lhe também uma identidade única.

Os cafés de Coimbra são exemplos dessa identidade única. Na cidade, existem diferentes cafés históricos dignos de referência e estudo. São exemplos disso os cafés Montanha, A Brasileira, Arcádia, Nicola, Central e Santa Cruz, todos eles situados na Baixa. Apesar das transformações a que foram sujeitos e da pressão de encerramento de que foram alvo ao longo da sua existência, estes espaços fizeram, no século XX, as delícias dos conimbricenses por terem permitido uma fuga às pressas do quotidiano.

Para além do seu valor social e cultural, estes são locais que apresentam na sua estrutura formal um grande valor artístico. Este aspeto, identificado na arquitetura, na escultura, na pintura e nas artes decorativas, materializa características de algumas das mais conhecidas e importantes correntes artísticas da época, o que os torna verdadeiros espaços com história.

O objetivo deste trabalho é apresentar um novo olhar sobre os cafés históricos acima identificados. Estão em causa espaços que fizeram furor, ao longo do século XX, marcando uma das zonas mais importantes da cidade. Pretende-se igualmente que este estudo contribua para que estes mesmos espaços ou, pelo menos, os que ainda permanecem abertos, sejam devidamente valorizados, para que seja possível evitar um desfecho indesejado que leve à perda de importantes referências históricas, culturais e sociais.

Ao longo desta investigação, houve especial cuidado na busca de elementos originais que guarnecessem todo o trabalho e o dotassem do rigor necessário à natureza do estudo. Foi feita uma vasta pesquisa por fotografias da época capazes de demonstrar e ilustrar os factos apresentados, principalmente relativos ao caso de estudo da Baixa de Coimbra. Foram também tiradas fotografias atuais, permitindo perceber os elementos que ainda se mantêm da configuração original destes espaços históricos. Também os documentos de arquivo, não só do arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, mas também da Biblioteca Calouste Gulbenkian, foram importantes e decisivos no desenvolvimento da pesquisa.

OS CAFÉS HISTÓRICOS

COMO PATRIMÓNIO CULTURAL

ENCONTRO INTERNACIONAL DE CAFÉS HISTÓRICOS DA EUROPA

20 ABR 18

10h00 Manhã de Passeio
Encontro na Porta Férrea da Universidade de Coimbra
Visita à Universidade
Visita ao Museu Machado de Castro

12h00 Almoço na Baixa de Coimbra
Sessão de abertura (Casa da Escrita)

13h30 Intervenções de Abertura
Tema: A importância dos Cafés na transformação da esfera pública
Oradora: *Clara Almeida Santos* (Vice-Reitora da Universidade de Coimbra)
Tema: As livrarias na história das ideias e da literatura
Orador: *José Pinho* (Livraria Ferin e Coordenador Óbidos Vila Literária)

16h00 Coffee Break
Oscar de Toro, do Café Venecia, de Santiago de Compostela (Espanha)
Chef Eduardo Vicente (Escola de Hotelaria e Turismo de Coimbra)

17h00 Intervenções de abertura
Tema: Os Cafés Históricos e as Redes de Património Cultural
Moderador: *Ana Paula Pais* (E.H.T.C.)
Oradores: Maria Calado - Centro Nacional de Cultura
Anírio Carvalho - Direcção Regional da Cultura do Centro
Pedro Machado - Turismo Centro de Portugal
Momento de poesia por João Rasteiro. "Em nome do teu nome - de Portugal à Grécia"

18h00 Coffee Break
Acção de degustação de Água de Castelo
Chef Eduardo Vicente (Escola de Hotelaria e Turismo de Coimbra)

19h00 Apresentação da EHICA (Associação Europeia dos Cafés Históricos)
Moderador: Vitor Marques
Oradores: Todos os Cafés Históricos da Europa presentes no encontro

20h00 Jantar na Baixa de Coimbra

21h00 Fado de Coimbra

22h00 Noite de Serenatas no Café Santa Cruz
Tuna Mista da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra

21 ABR 18

10h00 Manhã de Passeio
Encontro na Igreja de Santa Cruz
Passeio pela Baixa de Coimbra
Visita a Se Velha, Misericórdia de Coimbra, Torre de Anto

12h00 Almoço na Baixa de Coimbra

13h00 Intervenções (Café Santa Cruz)
Tema: Os Cafés Históricos como Património Turístico
Moderador: António Pedro Pita (F.L.U.C.)
Oradores: Manuel Lacerda - Direcção Geral do Património Cultural
João Paulo Martins - Faculdade de Arquitectura - U.T.L.
Samuel Alemão - Jornalista e autor do livro "Cafés Portugueses: Tertúlia e Tradição"

14h00 Coffee Break
Acção de Degustação de Água de Castelo

15h00 Intervenções (Café Santa Cruz)
Tertúlia: "Os Cafés Históricos da Europa: O seu lugar na sociedade"
Moderador: Carlos Fiolhais (F.C.T.U.C.)
Oradores: António Sousa Ribeiro (F.L.U.C.)
Daphne Cordeiro (Universidade Federal Fluminense / ISCTE - UNL)
Fernando Franjo - Jornalista espanhol e autor do livro "50 Cafés Históricos de Espanha e Portugal"
Presentes: Os Cafés Históricos da Europa
Intervenções: Todos os representantes dos cafés históricos contarão a história do seu Café com referências à sua importância no contexto social da sua cidade e do seu País
Momento de poesia: João Rasteiro, "Em nome do teu nome - de Portugal à Grécia"

16h00 Coffee Break
Acção de Degustação de Água de Castelo

17h00 Apresentação da Rota de Sítios da Paz (Places of Peace Route)
Orador: Eduardo Basso - Presidente da Rede Europeia de Sítios da Paz (European Network of Places of Peace)

18h00 Apresentação das conclusões do Encontro
Orador: António Inácio Nogueira, autor do livro "Santa Cruz: Um Café com História"

19h00 Sessão de Encerramento
Ana Alcoforado Directora do Museu Nacional Machado de Castro
Luís Filipe Menezes Vice-Reitor da Universidade de Coimbra
Celeste Amaro Directora Regional da Cultura do Centro
Carina Gomes Vereadora da Cultura de Câmara Municipal de Coimbra

20h00 Jantar na Baixa de Coimbra

21h00 Fado de Coimbra (Café Santa Cruz)

Figura 2- Folheto de apresentação do evento.

Estado da arte

A investigação sobre os cafés existentes em Portugal, mais concretamente na cidade de Coimbra, e sobre os seus intervenientes, insere-se numa área de estudo bastante alargada, não só a nível da arquitetura produzida e de todos os artistas e as suas inspirações, como também, a nível da sociabilidade urbana que surge com a modernização do país.

Os cafés surgem na Europa e no mundo como espaços de sociabilidade, onde se trocavam “ideias e esperanças depois do almoço e no passeio das noites de verão”. (Vilaça, 2005, p. 2) Atualmente, esses espaços já não têm o mesmo impacto que tinham. Onde antigamente se discutiam clandestinamente assuntos do Estado, hoje em dia conversa-se sobre tópicos menos penosos. É, no entanto, um consolo observar os mais antigos sentados a ler um jornal ou a discursar sobre política, conservando a memória destes espaços conhecidos como Cafés.

O estudo destes locais, enquanto domínio específico desta investigação, foi impulsionado por um evento concreto, o encontro “*d’Os Cafés Históricos como Património Cultural*”, iniciativa que decorreu no Café Santa Cruz, no dia 20 de abril de 2018, no âmbito da 20ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra e do Ano Europeu do Património Cultural. Co-organizado pela Associação dos Cafés com História de Portugal e pela Associação Europeia dos Cafés Históricos, contou com a presença do Professor João Paulo Martins¹ que tão eloquentemente tratou o tema dos cafés portugueses e as suas características. De acordo com o mesmo, esta “ideia de uma linguagem de uma época que é partilhada e esta menção urbana dos cafés, os *letterings* e os letreiros luminosos que iluminam à

¹ Arquiteto pela Universidade Técnica de Lisboa. Atualmente Professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

noite e marcam a paisagem” é uma rede, que se replica de norte a sul. (*Os Cafés Históricos como Património Cultural*, 2018)

É interessante perceber toda esta dimensão que engloba desde o projeto escrupulosamente pensado, até à máquina do café, passando pelas paredes e tetos espelhados. É feita especial referência ao Café Portugal, do arquiteto Cristino da Silva. Este foi um dos arquitetos mais importantes da época, responsável por este tipo de projetos, projetos totais, globalizantes, que integram os artistas plásticos que desenham todo o mobiliário e todos os detalhes das portas, das ombreiras, das máquinas de café, sendo todos os detalhes sistematicamente criados e integrados no espaço.

Após este encontro, o interesse por esta temática começou a aumentar e surgiu a necessidade de recolher mais informação de forma a ser possível obter um melhor enquadramento do tema. A este propósito, foi consultada a coleção “Design Português”, coordenada por José Bártolo. A consulta permitiu ter uma visão global do *design* em Portugal nas suas mais variadas correntes, incluindo a sua relação com os cafés, provando ser uma disciplina única e que merece, cada vez mais, a sua investigação. Nesta coleção, organizada de forma cronológica em 7 volumes, é possível compreender a origem do *design* e a influência marcante dos movimentos internacionais. Bártolo indica que “o design português afirmava o seu alinhamento moderno e comentava-o em torno de pequenos heróis reunidos nos cafés A Brasileira do Chiado (e) Martinho da Arcada”, tendo aqui “um incontornável recomeço”. (Souto, 2015, p. 6)

“Não existe uma História do Design, mas antes diversas histórias do design” (Souto, 2015, p. 11), existem materiais com várias funções e aplicações, formas que evoluem com o decorrer do tempo e que se ajustam com as exigências da sociedade. No que diz respeito à sociedade, é importante referir o valor dos vários intervenientes, desde os simples frequentadores dos espaços aos artistas, eles próprios também frequentadores, que contribuíram para o desenvolvimento da história de Portugal.

Com esta bibliografia, foi possível proceder a uma breve e rápida aproximação a alguns dos mais conhecidos e importantes espaços de entretenimento e sociabilidade que existiram (alguns ainda existem) em Portugal e noutros países da Europa. A informação aqui recolhida direcionou a pesquisa para outros estudos, mais focados nestes estabelecimentos como é o caso do trabalho de Cecília Santos Vaz, em os “Clubes nocturnos modernos em Lisboa”. Neste estudo, é feito um inventário dos clubes existentes em Lisboa, identificando os agentes envolvidos e as principais mudanças ocorridas relativas ao tipo de atividades e sociabilidades que estes espaços promoviam. A autora elabora também uma comparação com outras realidades localizadas por toda a Europa, fazendo ainda uma ligação com a literatura, o cinema e a imprensa da época. Em paralelo a este trabalho está o de Júlia Leitão de Barros que serviu de apoio a Cecília Santos Vaz. Nesta investigação, denominada “Os Night Clubs de Lisboa dos Anos 20”, é feito um levantamento muito aproximado ao dos “Clubes nocturnos modernos em Lisboa”, abrangendo, no entanto, apenas a década de 20.

Outro estudo que demonstra a relevância cada vez maior desta temática é o programa *Visita Guiada*², apresentado na RTP a 1 de abril de 2019. Neste programa é relatada a “efervescência” dos costumes de sociabilidade que “encontrou nos novos clubes nocturnos o seu palco de eleição”. (Pinheiro, 2018) Focada na Rua das Portas de Santo Antão, em Lisboa, apresenta um conjunto de quatro espaços e descreve-os de acordo com as atividades lá praticadas, os seus frequentadores e, também, a sua arquitetura e design. Surgem clubes como o Majestic, caracterizado como o “mais feérico”, o Bristol Club, o mais moderno, o Palace, através do qual se introduziu a venda da cocaína em Lisboa e, por fim, o Maxim’s, “o mais sumptuoso, o mais caro, o mais seleta”. (Pinheiro, 2018)

A produção historiográfica sobre estes espaços estabelece as mais variadas ramificações e objetivos mas é sobretudo o nascimento destes espaços de sociabilidade e as mudanças que trouxeram à sociedade que são retratadas na maioria destes estudos.

² Programa apresentado a 1 de abril de 2019 pela jornalista Paula Moura Pinheiro e que teve como convidado o historiador Rui Afonso Santos.

Entrando mais especificamente no tema dos Cafés, surge primeiramente o trabalho feito por Jules Leclant, em “O Café e os Cafés em Paris”, que dá a conhecer o surgimento dos primeiros cafés em França, nomeadamente na capital, de onde vieram as principais influências e modas para Portugal.

Surtem também duas referências muito importantes e fundamentais para este trabalho: os “Cafés Históricos do Porto” de Nuno Mendes e “Os Cafés de Lisboa” de Marina Dias. No primeiro, o autor faz uma análise exaustiva dos estabelecimentos existentes na cidade do Porto, enumerando os núcleos urbanos aí existentes e analisando quais dos espaços são efetivamente históricos. Esta análise é essencial no sentido de ajudar a selecionar os cafés históricos em análise no presente trabalho e a compreender quais as características que os tornam merecedores desse adjetivo, desse nome. O trabalho de Marina Dias, em contrapartida, não é focado na busca empírica dos cafés com as características assinaladas por Nuno Mendes mas sim, nas memórias que estes espaços deixaram em Lisboa, como espaços de sociabilidade, desde o que levou à sua criação até ao cenário que temos nos dias de hoje. Ainda de referir que este estudo levou à redescoberta de uma grande obra de arte, de grande referência social e histórica, já acima mencionada, imprescindível para esta temática: o Café Portugal, em Lisboa. Com “Luís Cristino da Silva e a Arquitetura Moderna em Portugal” de João Rodolfo, foi possível ter acesso ao projeto que o Arquiteto fez para este tão conhecido café. Esta referência teve ainda o complemento de desenhos encontrados na Fundação Calouste Gulbenkian e que serão também apresentados ao longo deste trabalho.

O trajeto desta investigação levou, por fim, à pesquisa de referências concentradas no objeto de estudo: Coimbra. A primeira referência encontrada foi “A Brasileira de Coimbra” de Lília Coutinho, onde a autora conta a história deste espaço enigmático da cidade tanto a nível histórico, como a nível de projeto, apresentando as várias intervenções que sofreu. Ainda sobre este café, surge o “À mesa da Brasileira”³ com textos mais informais que retratam a vida na baixa da cidade e nos cafés, através das memórias de quem os viveu. Foi também importante o estudo de “Santa Cruz: Um café com história”, onde o autor, António

³ Escrito por Alberto Vilaça (1929-2007).

Nogueira, fala na primeira pessoa, referindo-se a este espaço como o “eleito”. (Nogueira, 2007, p. 17) Para além da análise que é feita ao café Santa Cruz, surgem ainda algumas referências a outros cafés importantes merecedores de “reconhecimento especial”, tais como, a Pastelaria Central, o Montanha, o Arcádia e o Nicola. (Nogueira, 2007, p. 31) Em paralelo a esta referência, foi igualmente analisado o trabalho de Fernando Couto em “Mosteiro Santa Cruz de Coimbra: análise e reconstituição” que permitiu um conhecimento de toda a evolução histórica e formal deste espaço.

Destaca-se outra obra que, apesar da informação pouco científica, ajudou no entendimento do café como espaço social com valor histórico e de memória. “O Triângulo Escaleno”, de Mário Nunes, relembra o “corredor emblemático da cidade”(Nunes, 2007, p. 425) constituída pela Rua Ferreira Borges e os seus cafés, incluindo algumas notas pessoais, dando a conhecer a história dessa rua e alguns espaços com história que aí existiram, nomeadamente, o café A Brasileira, o Café Arcádia e a Barbearia Universal.

Para além dos estudos bibliográficos, foram usadas outras fontes de informação, tais como os periódicos. Importa aqui referir a Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitetos de Abril de 1938, na qual vem referenciada de forma detalhada a obra para o Café Portugal e todos os seus intervenientes. Também na revista mensal Contemporânea, de Maio de 1926, e na Ilustração Portuguesa, de Março de 1923, e em algumas capas da revista ABC, é feita publicidade a alguns clubes e cafés emblemáticos da época.

Estes são alguns dos estudos e fontes mais importantes que forneceram maior informação no âmbito do processo desta investigação e para a elaboração desta dissertação.

“- Um café, por favor, pedi eu, já sentado na mesa do costume.
- Com ou sem história? pergunta o António Costa, sempre sorridente.
- Café com história e bem tirado, retorqui.”

(Nogueira, 2007, p. 5)

I – O Café como bebida e como espaço social

O Café em Portugal

A primeira referência à bebida café surge em 1470 e é original da Pérsia, onde era designado como Vinho das Arábias. Por volta de 1600, existem relatos de “viajantes vindos de Constantinopla” que descreviam uma bebida negra que se bebia sempre quente (fosse verão ou inverno) e sempre após as refeições. (Nogueira, 2007, p. 24) Esta infusão chega à Europa no séc. XVII e é a partir daqui que se começa a assistir a este movimento, mais notório em países como Itália, França, Áustria e Inglaterra.

Os primeiros grãos de café chegam a Paris em 1644, juntamente com as chávenas e as cafeteiras. A divulgação da bebida foi um sucesso tal que se sentiu um grande aumento no consumo de café a partir desta época. No séc. XVIII, existiam em Paris entre 600 a 800 cafés, espaços que se foram transformando em lugares de sociabilidade, de lazer e de debate de ideias. Esta bebida das elites e dos intelectuais começou a “fazer parte da aspiração consumista popular, globalizando-se e tornando-se remédio milagroso.” A junção do leite confere ao café uma projecção ainda maior. (Nogueira, 2007, p. 27)

O comércio do café passou a ser uma faceta importante e ativa da economia, aumentando assim o interesse internacional em produzi-lo à escala mundial. Inicialmente a produção vinha toda da Arábia mas, no séc. XVIII, expande-se por outros continentes e países, entre eles o Brasil. Aqui, o café passa a ser, em 1830, o principal produto de exportação desse país, em substituição do açúcar.

Em Portugal, o café começou a ser conhecido através de Francisco de Mello Palheta (c.1670-)⁴ que introduziu as sementes da Guiana Francesa no país. Começa-se assim a importar o café do Brasil, dando início, no século XX, ao tempo de glória dos Cafés que proliferaram por todo o país. Muitos foram considerados património das cidades e ainda o são, Cafés com História. A Brasileira do Chiado é um exemplo disso mesmo. O seu fundador, Adriano Telles, que vivia no Brasil, foi um grande divulgador do café e, inicialmente, vendia-o ao balcão de uma loja. Adotou a técnica de presentear todos os seus clientes com uma chávena de café, explicando, posteriormente, a sua preparação. O sucesso foi tal que, na década de 1900, construiu um estabelecimento de consumo ao público denominado de “A Brasileira”. Este local passou a ser, a partir de 1920, um espaço de convívio e de sociabilidade onde se encontravam as elites de Lisboa e de outras cidades.

Na época, não havia o costume de beber o café na rua ou em espaços públicos. Para promover este hábito, Adriano Telles ofereceu durante 13 anos o café servido em chávena, na compra de um saco de grãos de café. Também com o intuito de publicitar o espaço recentemente inaugurado, mandou pintar em várias paredes da cidade o slogan “O melhor café é o d’A brasileira” que ainda hoje é tão conhecido. (L. A. F. Coutinho, 2011, p. 11)

Tal como este café, muitos surgiram de norte a sul do país e, apesar de serem singulares e com características diferentes entre si, todos contribuíram para a criação das várias centralidades de cada urbe. Alguns não resistiram ao passar do tempo e acabaram por desaparecer, mas muitos ainda subsistem, continuando a proporcionar um ambiente agradável e descontraído.

⁴ Militar luso-brasileiro que foi escolhido, em 1727, pelo governador do Maranhão e Grão-Pará para liderar uma missão na fronteira do Brasil com o intuito de resolver uma disputa entre os Portugueses e os Franceses. O governador, que já teria conhecimento do potencial económico do café, pediu a Palheta que, durante essa missão, trouxesse, de forma clandestina, sementes de café de alguma plantação que por lá encontrasse. Importante referir que, nesta altura, o único país que possuía sementes de café capazes de germinar era a França e, tanto os Portugueses como os Brasileiros estavam proibidos de fazer negócio com os Franceses. Ausência de informação relacionada com as datas de nascimento e de falecimento. (Cesar, 2018, p. 10)



Figura 3- Fotografia do Crystal Palace, antes da sua destruição, Londres em 1936.



Figura 4- Fachada do Café Le Procope, actualmente.

O aparecimento dos primeiros Cafés

Os primeiros cafés como espaços de sociabilidade surgiram na Europa em meados do séc. XIX. Foi também no final desse século que se começaram a notar grandes progressos científicos alcançados na indústria e nas artes. A evolução dos materiais de construção tornou possível a criação de grandes vãos e de grandes edifícios como armazéns. A tendência crescente de se produzir o máximo de peças possível em fábrica foi notória apesar de não ser uma novidade. Em 1851, já o Crystal Palace, edifício construído para albergar a Grande Exposição, fora erguido com o uso de peças prefabricadas, tais como, suportes de ferro estandardizados e coberturas em vidro.

Não é possível nomear cafés portugueses sem mencionar os primeiros espaços que surgiram noutros locais da Europa. É em Paris, capital das “modas elegantes”, que surge o primeiro “botequim”. (Dias, 1999, p. 9) *Le Procope*, apelidado pelo seu fundador Francesco Procopio Dei Coltelli, foi o mais célebre dos cafés da Rua da Ancienne Comédie (antigamente chamada de Rua Fossés St. Germain) e a sua inauguração é datada de 1686. Este espaço foi luxuosamente decorado e o mármore foi o material eleito para o fabrico das mesas. Na fachada do edifício foi colocada uma placa que indica tratar-se do mais antigo café do mundo.

A democratização, conseguida a partir de 1789, leva aos botequins novas classes sociais e os cafés começam a ser considerados “o parlamento do povo”, sendo cada vez mais os espaços abertos até ao final desse século. (Dias, 1999, p. 5) É importante referir o *Café de la Régence* pela sua longevidade. Nele, o poeta português Mário de Sá-Carneiro recolhia postais⁵ para enviar aos seus amigos. É ainda em Paris que nasce o “protótipo do café oitocentista” caracterizado

⁵ O poeta recolhia postais com ilustrações deste café onde escrevia cartas para enviar a amigos. “Amanhã mando-lhe com certeza uma carta – talvez registada – contendo o «Homem dos Sonhos». Peço-lhe instantemente que me avise no mesmo dia da sua receção por um simples postal. Vi o Teatro e o seu artigo. Amanhã falaremos. Muitas saudades. O seu, Sá Carneiro.” Carta escrita a 9 de março de 1913. (Saraiva, 1980, p. 24)



Figura 5- Fernando Pessoa à saída do Martinho da Arcada.

por espaços amplos, distribuídos por vários andares e exageradamente decorado. (Dias, 1999, p. 10)

Apesar de ser notório o avanço científico e cultural que alguns países da Europa tinham relativamente a Portugal, os cafés chegam à cidade de Lisboa consideravelmente cedo. Com a reconstrução da cidade exigida após o grande terramoto de 1755, o Marquês de Pombal trouxe à metrópole novos espaços comerciais e fomentou a difusão dos mesmos através de cartazes (“tabuletas”) publicitários. (Dias, 1999, p. 11)

O Martinho da Arcada é considerado o café mais antigo ainda aberto nos dias de hoje (apesar de atualmente ser usado apenas como restaurante). Não existem certezas quanto à data da sua inauguração mas pensa-se que terá sido anterior a 1782⁶. Começou por ser conhecido como Casa da Neve devido ao “hábito de tomar neve”, ou seja, de comer gelado, e foi precisamente este serviço que iniciou esta tendência de adesão aos botequins. (Dias, 1999, p. 12) Eram habituais frequentadores os literatos e jacobinos e até Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1804)⁷ foi frequentador assíduo daquele espaço, antes da fase do Café Nicola. Também Fernando Pessoa era conhecido por frequentar este café sendo até a mesa onde se costumava sentar com grupos de amigos, foco da atração para muitos turistas.

A partir do século XIX estes espaços passam a ser denominados como Cafés. Depois do Arcada, segue-se o Nicola, apelidado de “academia” pelos políticos e literários frequentadores daquele espaço. (Dias, 1999, p. 15) Aparece referenciado em publicações desde 1787, não sendo possível precisar a data da sua abertura ao público. Pensa-se que o seu proprietário tenha sido Nicola Breteiro não havendo, no entanto, certezas pois, na época, existiriam mais dois Nicolas, Joaquim Nicola e Nicola Marengo, de acordo com Tinop⁸. Um dos seus empregados, José

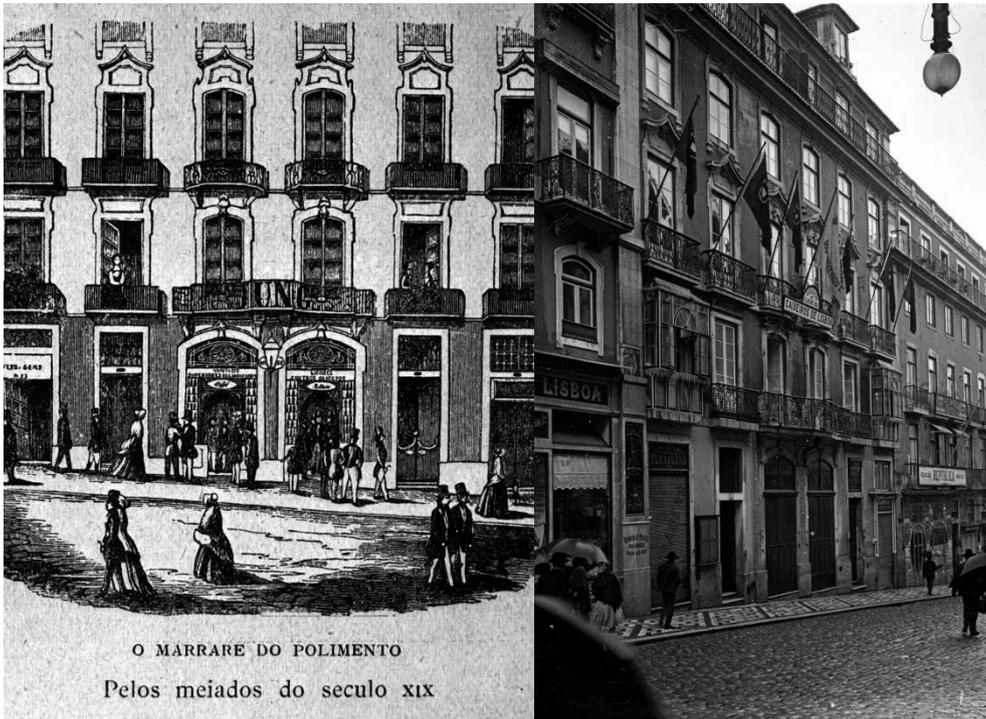
⁶ Data a partir da qual é possível encontrar referências do café em publicações. (Dias, 1999, p. 12)

⁷ Provavelmente o poeta mais importante do século XVIII em Portugal.

⁸ João Pinto Ribeiro de Carvalho (1858-1936) foi um jornalista, um homem de letras, que usava o anagrama do seu pseudónimo para esconder a verdadeira identidade quando assinava colunas de jornais sendo, no entanto, para os seus conhecidos, fácil de o identificar.



Figura 6- Interior do Nicola, onde é possível distinguir Fernando Pessoa, à direita.



Figuras 7 e 8- À esquerda uma ilustração do Marrare do Polimento, no séc. XIX. À direita, uma fotografia do antigo edifício onde estava instalado o café.

Pedro da Silva⁹, deixou o Nicola e instalou, mesmo ao lado, um novo café, o das Parras que ficou conhecido por ter a um canto um gabinete destinado exclusivamente aos poetas, intitulado de “o agulheiro dos sábios” pelos demais que o frequentavam. (Dias, 1999, p. 16) Este café tornou-se ainda mais conhecido aquando da retirada das tropas napoleónicas de Lisboa, em setembro de 1808. Como forma de festejo, José Pedro da Silva organizou um grande espetáculo de luzes na fachada do seu café o que, mais tarde, lhe deu a alcunha de José Pedro das Luminárias. O Nicola acaba por encerrar em 1834 e, no séc. XX, converte-se numa ourivesaria. Em 1929 volta a reabrir exatamente no mesmo local com fachadas do arquiteto Norte Júnior (1878-1962) e, em 1935, com interiores de Raul Tojal (1900-1969).

Outro espaço célebre foi o Marrare do Polimento, de António Marrare. Foram inaugurados quatro espaços, no primeiro quartel do século XIX: o Marrare de S. Carlos, o Marrare das Sete Portas, o Marrare do Cais do Sodré e o Marrare do polimento, o mais conhecido, aberto no primeiro dia do ano de 1820. Sabe-se que eram frequentadores assíduos deste espaço, Alexandre Herculano, Almeida Garrett e António de Bulhão Pato. Este café é facilmente comparado com o Tortoni¹⁰ de Paris pelo seu papel na sociedade enquanto espaço de sociabilidade e de debate. Foi mais tarde ocupado pelo Café Martinho, um dos espaços lisboetas mais importante dos últimos cento e cinquenta anos e frequentemente confundido com o Martinho da Arcada.

É interessante perceber a necessidade crescente de criação, em cada cidade, de espaços de sociabilidade que permitissem uma certa libertação da vida real e o cultivo da felicidade. É também curioso perceber a forma como cada urbe desenvolveu núcleos em torno destes espaços tornando os locais onde estes se instalaram nas mais importantes avenidas da cidade. Exemplo disso é a Avenida da Liberdade, em Lisboa. Foi nesta artéria que surgiram espaços como o Café Cristal e

⁹ Sem dados sobre a sua biografia.

¹⁰ Café datado de 1798.



Figura 9- Fachada do Café Majestic, década 20.

o Café Palladium¹¹, em 1932 e 1940, respetivamente. De referir também, ainda em Lisboa, a Rua Eugénio dos Santos ¹², atualmente Rua das Portas de Santo Antão, onde o fenómeno dos clubes se fez sentir nas décadas 10 e 20 do século passado. Nesta rua, que já foi uma das mais importantes artérias da cidade, foram implantados a maioria dos clubes mais luxuosos que a cidade conheceu. O Majestic Club, o Bristol Club, o Palace Club e o Maxims foram os mais populares e, para além do legado histórico deixado na cidade, foram espaços “museus” que envolveram na sua criação vários artistas, desde pintores, estucadores, decoradores, marceneiros, serralheiros e, até, escultores que, em conjunto, deixaram obras únicas que estão atualmente expostas em museus. Apesar dos clubes serem espaços com algumas atividades peculiares distintas das dos cafés, foram igualmente espaços de sociabilidade que se fizeram notar de igual forma pelo impacto que criaram na sociedade portuguesa.

No Porto também se verificou esta tendência, por exemplo, na Rua de Santa Catarina, a mais importante avenida comercial da Baixa do Porto. Foi aqui que se instalou uma das maiores referências da Arte Nova da cidade, o Café Majestic¹³. Também na Baixa do Porto, na Rua de Sá da Bandeira, surge A Brasileira, importante pelas representações que teve em várias cidades de Portugal, tais como, em Lisboa, na Rua Garret (Rossio), em Braga, no Largo Barão de São Martinho (o “coração” da cidade) e, por último, em Coimbra, na Rua Ferreira Borges (Baixa).

¹¹ O Café Cristal foi obra do Arquiteto Cassiano Branco e o Café Palladium, instalado num edifício projetado pelo Arquiteto Norte Júnior, em 1909, abriu com interiores da autoria do Arquiteto Raul Tojal.

¹² O Arquiteto Eugénio dos Santos (1711-1760) foi dos nomes mais importantes na reconstrução da Baixa da cidade de Lisboa após o terramoto de 1755 merecendo, por isso, ser topónimo de duas artérias, a atualmente Rua das Portas de Santo Antão e a Rua Eugénio dos Santos, perto do Parque Eduardo VII.

¹³ Este espaço foi obrigado a fechar este ano por falta de clientela, turistas e residentes, impacto da pandemia Covid-19 em Portugal. Também o Guarany, outro café importante da cidade do Porto aberto desde 1933, na Avenida dos Aliados, teve o mesmo desfecho.

Cafés Históricos

Os cafés foram e continuam a ser parte integrante das cidades e contribuíram inevitavelmente para a constituição das suas diferentes centralidades. Foram responsáveis pela criação de parte da memória da urbe e são exemplos de património material mas, também, símbolos do património imaterial da comunidade. A sua contribuição para o desenvolvimento da cultura e da sociedade em Portugal fazem deles locais únicos repletos de história. Apesar do claro reconhecimento destes espaços, é importante diferenciá-los de outros estabelecimentos comerciais semelhantes, como tabernas, tascas, snack-bares e restaurantes.

Primeiramente, foram locais onde o objetivo principal era a venda da infusão de café sendo esta a característica mais importante destes espaços. De seguida, eram frequentados principalmente por homens sendo que a presença da mulher era praticamente interdita. Por fim, tornaram-se locais privilegiados de convívio, de sociabilidade, de tertúlias e de encontro de pessoas. Estas características fazem destes espaços únicos que, apesar de banais, tiveram uma grande importância na formação da sociedade que hoje conhecemos. Importa também, para este estudo, perceber o que faz deles espaços históricos.

De acordo com Nuno Mendes¹⁴, a classificação de um café como histórico depende do preenchimento de requisitos semelhantes a um monumento histórico. Com efeito, a falta de uma definição concreta daquilo que é um Café Histórico levou à comparação entre propriedades dos Monumentos Históricos e propriedades dos Cafés Históricos chegando à conclusão que existem critérios inerentes a ambos. (Mendes, 2012, p. 13)

O primeiro critério é o “Valor para a História”, identificado quando o estabelecimento foi frequentado por personalidades ilustres da sociedade, tais

¹⁴ (Mendes, 2012)

como, artistas, políticos, jornalistas e literatos. De acordo com um artigo publicado no número 8 da revista *Sinal*¹⁵ de 1941:

“Português vive no café. Lisboa ferve de cafés. A certas horas não há um lugar, estão cheios de clientes que falam ou lêem os jornais. O português trabalha no café, escreve aí as suas memórias ou por vezes até compõe aí as suas obras poéticas (...).”

Exemplo disto é o Bristol Club, usado por Almada Negreiros como cenário para fazer um dos primeiros romances modernos portugueses, o célebre “Nome de Guerra”. Muitos destes artistas que frequentavam os cafés produziam obras de arte que eram depois aplicadas nos seus interiores, tornando-se parte integrante do design dos espaços.

Em Coimbra, é interessante entender, através do trabalho de Alberto Vilaça em “À Mesa da Brasileira”, os frequentadores de cada espaço da cidade. No Café Central compareciam Miguel Torga, Paulo Quintela, Martins de Carvalho, Carlos Oliveira, Luís Albuquerque ou João Cochofel. Ao lado das mesas destes, estaria o chefe da polícia política local, José Barreto Sacchetti que, mais tarde, se tornou chefe supremo da PIDE. A Brasileira era dos “poetas” Afonso Duarte, António de Sousa e Eugénio da Andrade. O Nicola era frequentado por Fernando Namora e Virgílio Ferreira, o Montanha era o café dos estudantes e o Café de Santa Cruz dos médicos da universidade. São os testemunhos deixados por estes frequentadores que demonstram o valor cultural, social e político destes espaços e que fazem deles cafés Históricos.

De seguida, surge o “Valor Artístico” que permite analisar o espaço relativamente a características estéticas que o identificam com alguns dos movimentos artísticos mais importantes dos séc. XIX e XX. Durante este balizamento temporal, Portugal atravessou vários momentos de instabilidade política e social que impulsionaram a criação de espaços de divertimento que permitissem a fuga ao quotidiano. A identidade formal destes espaços foi inevitavelmente influenciada pelos avanços tecnológicos e artísticos vividos durante

¹⁵ Revista de propaganda do regime Nazi, publicada em diversas línguas e espalhada por toda a Europa.

estes anos possibilitando-lhes o enquadramento em alguns movimentos artísticos. Com este parâmetro, os cafés são comparados a obras de arte que contribuíram para “a formação e desenvolvimento de uma cultura artística”. (Argan, 1992, p. 18)

O último critério é o “Valor de Memória” que trata os cafés como uma obra de “arquitetura menor” digna de análise, capaz de transmitir informação relativa às “ambiências sociais e culturais” da sociedade. (Mendes, 2012, p. 67) Gustavo Giovannoni (1873-1947), personalidade importante na consolidação do urbanismo como disciplina em Itália, elabora o conceito de “arquitetura menor” que engloba a “arquitetura doméstica” de John Ruskin (1819-1900) e, na qual, estão inseridos espaços como os cafés. Giovannoni defende que esta arquitetura é digna de ser reconhecida pelos mesmos conceitos que a “arquitetura doméstica”. (Mendes, 2012, p. 64) Estes estabelecimentos são considerados importantes no sentido em que contêm neles a história de quem por lá passou e da época em que existiram.

“ E é verdade,
actualmente os jovens architectos não dão trabalho aos pintores e esculptores, o
que é curioso. (...) Dizem eles que a architectura é que é plástica, em si mesma é
escultura, e a cor que vamos pôr nos edificios é que é a Pintura:
os murais acabam...”

(Arquitectura, 1971, p. 2)

II – Os Espaços dos Cafés – Arquitetura e Design

Materialidade dos espaços

A passagem do século XIX para o século XX foi caracterizada pela ideia de progresso e novas formas de pensar. À semelhança de vários outros países da Europa, também Portugal assistiu a uma mudança a diversos níveis impulsionada pelas consequências da Revolução Industrial iniciada no século XIX. O novo século acorda com inúmeras novas invenções como a eletricidade, o automóvel, o cinema, a fotografia, entre tantas outras, que alteraram de forma inequívoca e definitiva a forma como as populações encaravam a vida em sociedade. (Coelho, 2013, p. 21)

Apesar desses progressos chegarem mais lentamente a Portugal, graças à localização geográfica do país e à situação sempre empobrecida das finanças portuguesas, as ideias e as novidades foram surgindo no país muito por influência do avanço da imprensa que permitiu a difusão mais rápida e eficaz das notícias e, também, devido à saída de alguns dos nossos jovens intelectuais para países como a França, absorvendo aí novas aprendizagens e culturas, tal como as novas modas internacionais.

A partir de 1800, começa a existir uma crescente aplicação do ferro em estruturas das novas construções, maioritariamente de carácter utilitário. Em Portugal, contudo, este movimento começa a ser notório com a utilização do ferro em programas não utilitários, nomeadamente durante a Arte Nova. (Coelho, 2013, p. 22) A estrutura em ferro, que anteriormente estaria oculta e com função estrutural, passa a ser aplicada como elemento da composição formal do espaço, surgindo à vista. (Coelho, 2013, p. 23) A Arte Nova, movimento que se fez sentir em Portugal no início do séc. XX, estimulou o uso estilizado de formas ligadas à natureza, em elementos vegetais ou animais, para criar objetos do dia-a-dia e



Figura 10- Fachada d'A Brasileira do Porto, em 1916.



Figura 11- Fachada d'A Brasileira de Braga, atualmente.

compor edifícios, impondo uma nova “linguagem decorativa” que se veio a notar também nos projetos para estabelecimento de entretenimento. (Selvafolta, 1997, p. 16) Exemplos disto são os cafés A Brasileira que abriram até à década de 1910, na cidade do Porto, Lisboa e Braga. Estes três espaços apresentavam nas suas fachadas grandes vãos envidraçados emoldurados com estruturas em ferro pintado, conjugados com outros elementos também em ferro, como a estrutura em formato de arco sobre a entrada d’A Brasileira do Porto, e os gradeamentos com pequenos motivos florais dos pisos superiores d’A Brasileira de Braga. No interior destes espaços, era igualmente possível encontrar mobiliário feito em estrutura de ferro, trabalhado “de forma curvilínea” e, ainda, grandes murais em espelho nas paredes. (L. A. F. Coutinho, 2011, p. 25) O emprego da azulejaria foi outra das formas de manifestação da Arte Nova e é visível a presença deste material na fachada do edifício d’A Brasileira de Braga.

Com o início da I Guerra Mundial, em 1914, as mudanças em curso no país são temporariamente interrompidas. Os artistas portugueses residentes em países da Europa são obrigados a regressar a Portugal, o que virá a acentuar as influências europeias “na produção artística portuguesa”. (Coelho, 2013, p. 26) O fim da I Guerra mundial, em 1918, faz espoletar o desejo de transformação e de adoção das tendências em voga não só na Europa, como nos Estados Unidos da América.

Uma característica importante que se começou a tornar evidente no início do século e principalmente nas obras da década de 1910, foi o princípio da conceção de obra de arte total no qual, a arquitetura e as artes decorativas se tornam iguais e se complementam. O Bristol Club, da autoria de Carlos Ramos (1897-1969), surge como exemplo disso. O Arquiteto desenha o projeto para o interior do espaço, incluindo o mobiliário moderno e faz um estudo para a aplicação dos revestimentos em azulejos negros e dourados. Apesar de não ser o mais luxuoso dos clubes da época, era o que estava mais alinhado com as tendências internacionais.



Figura 12- Armazéns do Chiado, em 1905.

"Entre as" e "Aredo Cinema"

Matias Sandorf - História
romã da qual se fez
um filme de 1115 metros
de film. N.º 1115-5-1115-
1115

O publico de Lisboa tem agora ocazio de poder apreciar uma das mais belas obras-primas da cinematografia moderna. O romance «Matias Sandorf», que «O Seculo» está publicando em folhetins, sendo passado, no Cinema Coudeas, num magifico «film», superiormente desempenhado, é um dos melhores trabalhos do autor de «Volta ao mundo em 80 dias». Em «Matias Sandorf» por Julio Verne uma extraordinaria emoção dramatica e é assim que a successo de aventuras de que é composto o romance passam pela imaginação do leitor, interessando-o sobremaneira, arrebatando-o comosio. A película, interessante pelo enredo, pelos costumes e pela interpretação, foi montada a primor. No papel de Matias Sandorf tem mr. Romuald Louhé uma das suas melhores creações e mademoiselle Gabrielle Ristori, no papel de Sava, e mr. Gaston Modot, no de Carpena, portam-se á altura dos seus meritos, e o seguiu de duas boas personagens pela orientação e criterio com que foram estudadas.

20

Uma scena de 1.º episodio da scenographia adaptada da celebre obra de Julio Verne

21

O actor Ann Tindal no papel de Jaqueiro/Torombal.

A grande actriz de França, Gabrielle Ristori que desempenha o papel de Sava.

Figura 13- Páginas 20 e 21 da revista Ilustração Portuguesa de 6 de Janeiro de 1923 (Nº881) nas quais aparece publicitado o cinema "Matias Sandorf".

A década de 1920 em Portugal ficou marcada pela vontade de reabilitar a vida cultural das cidades, movimento que se fez sentir especialmente em Lisboa, Porto e Coimbra. (Souto, 2015, p. 5) Começou a ser notória uma crescente utilização de espaços de entretenimento noturno, muito semelhantes àqueles que os portugueses viajados visitavam na Europa e noutras partes do mundo. Para complementar estas novas atividades, eram também apresentadas à população lisboeta muitas das tendências do design e das modas de Paris através de montras e magazines. Os Armazéns do Chiado, abertos desde 1894, mostravam este ambiente *chic* recriado na capital e que rapidamente agradou às classes mais abastadas da sociedade portuguesa. As revistas publicadas na época como a *Ilustração Portuguesa* anunciavam as novidades de uma modernidade às quais os portugueses não ficaram indiferentes. Surge, nesta década, a Art Decó caracterizada por um estilo mais geométrico e abstrato, com linhas retas e círculos estilizados. Este movimento manifesta-se principalmente na arquitetura do Estado Novo e vai-se “diluindo e assimilando com o Modernismo das décadas 40 e 50”. (Duarte et al., 2013, p. 6)

No Bristol Club era possível encontrar algumas obras de arte com características Art Déco. O empresário e proprietário do espaço, Mário de Freitas Ribeiro, não só leva a cabo as obras de modernização do edifício, como também, surge como um “verdadeiro mecenas”, apoiando os artistas modernos que ninguém apreciava.¹⁶ (B. Coutinho, 2001, p. 42) Para além da participação do arquiteto, solicita a colaboração de outros artistas como o escultor Leopoldo de Almeida (1898-1975) e os pintores António Soares (1894-1978), Almada Negreiros (1893-1970), Eduardo Viana (1901-1967) e Guilherme Filipe (1899-1919). Alguns destes foram, mais tarde, frequentadores do espaço, que ficou conhecido como um local onde “o debate sobre a arte e a cultura é feito à mesa do café, ao ritmo de um cigarro e no meio de conversas ocasionais.” (B. Coutinho, 2001, p. 43) Nesses debates, participavam também Canto da Maia (1888-1982), que ofereceu duas

¹⁶ Ele próprio foi um dos raros colecionadores de arte moderna portuguesa. Em 1919, quando o clube tinha ainda uma decoração neo-Luis XVI, Mário de Freitas adquire o célebre óleo do “Rapaz das Louças” de Eduardo Viana, uma obra moderna, transformando aquele espaço num museu com intenção mecénica mas, também, de educação do gosto do público. (B. Coutinho, 2001, p. 42)



Figura 14- Parte do "Nu" de Almada Negreiros, datado de 1925.



Figuras 15 e 16- À esquerda, imagens do catálogo da Adico, com a Cadeira Portuguesa. À direita, as cadeiras usadas na esplanada do Café Montanha em 1965, em Coimbra.

obras suas ao clube, no estilo Arte Déco, e os já referidos Eduardo Viana (1881-1967), que deu dois nus femininos e Almada Negreiros que contribuiu com o “Nu”¹⁷. Estas obras pertenceram ao conjunto de doze quadros que estavam expostos dentro do clube.

Durante o Estado Novo, em 1930, surge um programa para edifícios públicos no país, promovido por Bissaya Barreto (1886-1974), o qual tinha como principal preocupação a higienização dos espaços públicos. (Antunes, 2015, p. 21) Este cuidado era conseguido através do uso de materiais como o betão, o aço e o vidro que, não só tinham uma vertente mais técnica, como ainda representavam materiais económicos e capazes de uma “gestão parcimoniosa de recursos”. (Antunes, 2015, p. 21) O aço foi um dos materiais mais usados nesta época. Se, por um lado, conferia uma grande resistência ao desgaste e ao tempo, por outro, permitia um acabamento cromado brilhante, tendo sido muito aplicado em equipamentos ligados à área da saúde. Em paralelo, utilizou-se o aço tubular no mobiliário, nomeadamente nas cadeiras, fornecendo um novo aspeto áquilo que era conhecido como tradicional, tanto a nível formal e volumétrico como de “relação com o corpo e a definição do conforto”. (Antunes, 2015, p. 21)

Surgem das décadas 30 e 40 as primeiras cadeiras conhecidas como Cadeira Portuguesa, ou cadeira Gonçalo¹⁸. Estas eram presença regular em esplanadas, cafés e espaços públicos portugueses e foram desenhadas de forma a permitir um melhor descanso ao seu utilizador. A inspiração para o desenho da mesma “provavelmente remonta ao período da Bauhaus”, mais em particular às cadeiras de tubo de aço curvado desenhadas por alguns dos pioneiros do design,

¹⁷ Tela com 1,90cm por 0,945cm pintada a óleo, com uma figura feminina nua, de 1925.

¹⁸ A cadeira surge publicada num artigo dos Cadernos de Design do Centro Português de Design com o nome Gonçalo, desencadeando bastante discórdia ao redor da mesma. Ao visitarmos a página da firma Arcalo, é possível ver esta referência como capa principal e, até mesmo, adjacente ao nome “Arcalo”. Já a Adico, mais recatada, mostra algumas variações desta cadeira na sua página principal, sendo apenas possível encontrar o modelo “original” ao consultar a história da mesma. (Santos, 2015, p. 86)

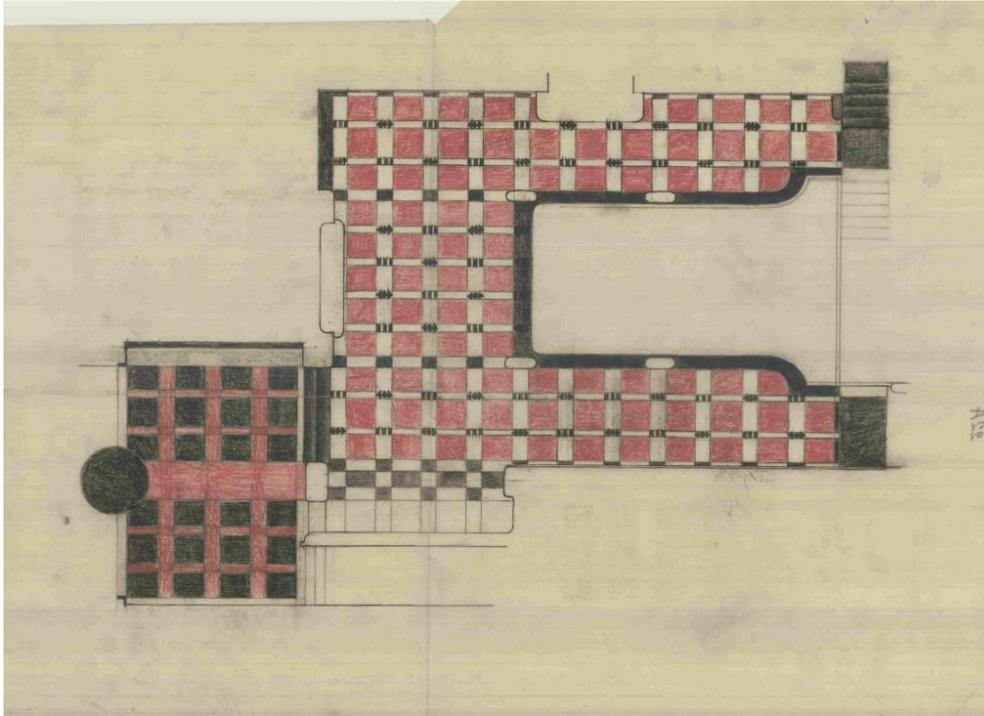


Figura 17- Planta do estudo dos diferentes materiais e cores do pavimento do Café Portugal, de 1937.

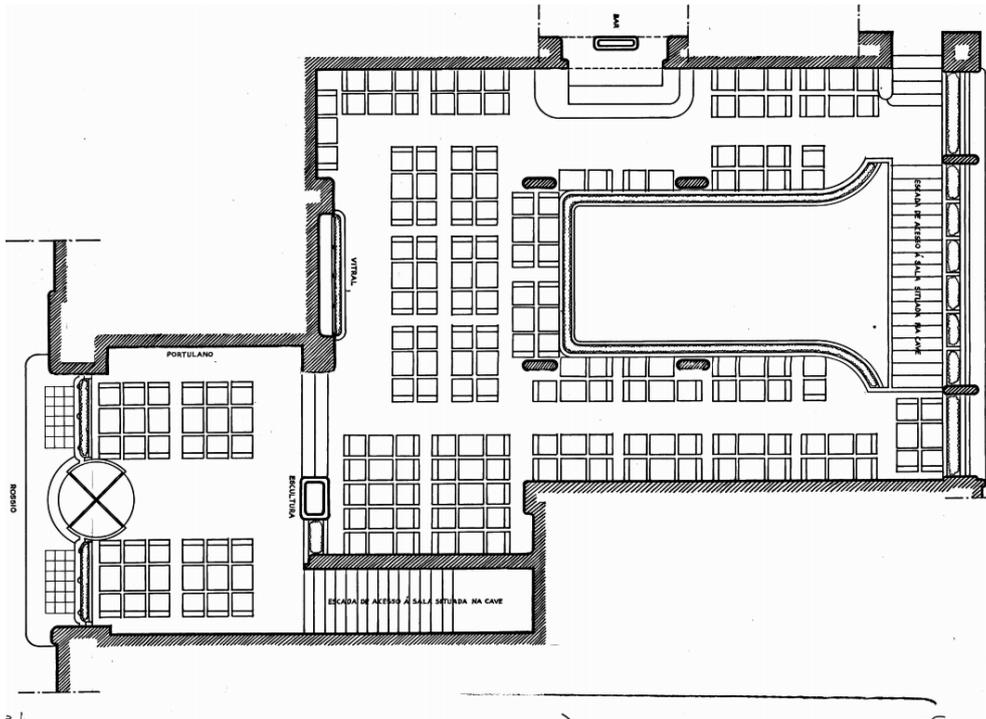


Figura 18- Planta com a disposição do mobiliário do Café Portugal, de 1937.

tais como Mies van der Rohe e Marcel Breuer, as quais eram editadas e apresentadas nos catálogos da Thonet¹⁹. (Santos, 2015, p. 86) Estas cadeiras eram produzidas pela Metalúrgica Martins & Irmãos Teixeira ou, Metalúrgica da Longra, em Felgueiras, fábrica que evoluiu com a encomenda de equipamentos sociais para hospitais de Bissaya Barreto. As encomendas estendem-se posteriormente a outras metalúrgicas como a Adico, anteriormente conhecida como Adelino Dias & Ca. Lda., de Avanca, e à Fábrica Portugal, em Lisboa.

No final da década 40, surge o Café Portugal, um espaço rico e abundante em materiais diversificados e distintos como os mármore de diferentes cores, os grandes murais espelhados das paredes e o aço trabalhado de forma curvilínea para a execução das mesas do interior. (L. A. F. Coutinho, 2011, p. 25) São precisamente estes materiais que iremos ver aplicados em muitos outros cafés pelo país, demonstrando o desenvolvimento que existiu nas áreas do design e arquitetura. De facto, Cristino da Silva fez um estudo detalhado da composição de cada sala e ocupou-se também do desenho dos serviços de louça usados, dos talheres e ainda, da máquina de café. (Rodolfo, 2002, p. 89) De mencionar que um dos elementos mais importantes desta obra foi a iluminação, tratada como “fio condutor” para este projeto. (Fernandes & Janeiro, 1998, p. 68) Tal como acontecera noutros cafés, também neste existiu uma colaboração de várias personalidades de outras artes que contribuíram para que resultasse num projeto especial. Leopoldo de Almeida contribuiu com uma peça com a representação de uma figura masculina sentada, apoiada no escudo nacional e com uma caravela na mão. Ricardo Leone (1891-1971) executou os vitrais e os mosaicos que completaram e enriqueceram o ambiente projetado. Jorge Barradas (1894-1971), pintor e vitralista, marcou presença neste espaço único com inúmeros vitrais representativos de várias regiões do país.

É de referir ainda que era notória uma certa retração e uma procura pelo estilo vitoriano do séc. XIX caracterizado por “imagens graficamente complexas, ornamentadas e saturadas” e também pela procura daquilo que era nacional.

¹⁹ A Thonet foi uma empresa de fabrico de mobiliário, fundada por Michael Thonet, em 1830. Na década de 1930 foi a maior produtora de móveis em aço tubular.



Figura 19- Fachada do Café Portugal, final da década 30.

(Fragoso, 2012, p. 102) É possível confirmar esta informação no projeto do Café Portugal, no qual foi aplicado, saliente na fachada principal, o escudo português feito com mosaicos de vidro de Murano. Este escudo, bem como o nome selecionado para o espaço, relembra as exigências preconizadas pelo Estado Novo relativamente ao apelo do nacionalismo.

Com o início da II Guerra Mundial, em 1939, Portugal declara a sua neutralidade tornando-se um “porto pacífico de entrada e saída da Europa”. (Coelho, 2013, p. 48) A passagem de estrangeiros vindos de fora de Portugal com destino ao continente americano provocou mudanças na sociedade e na mentalidade conservadora dos portugueses. Esta alteração foi notória em pequenos hábitos como o facto de os homens não usarem chapéu e de as mulheres frequentarem cafés e fumarem. Também a produção gráfica e artística nacional sofreu com este evento. No entanto, com o fim da Guerra, Lisboa viu-se “esvaziada de estrangeiros” e Portugal voltou a regredir, tornando-se um país mais conservador. (Coelho, 2013, p. 48)

Design Gráfico e Publicidade

Os cafés inaugurados na primeira década do século XX, copiando os exemplos franceses e ingleses, tornaram-se espaços de reunião, convívio e tertúlia que marcaram para sempre o panorama cultural português da época. A par do impacto que causaram na sociedade a nível político e social, foram igualmente locais dotados de características inspiradas nas tendências arquitetónicas e artísticas europeias que se fizeram sentir no início do século.

O *design* gráfico teve um papel importante na divulgação destes espaços, e também, na propagação do modernismo com a criação de novas revistas, novos grafismos e a constante alteração do design destes. Nota-se uma grande similaridade com os modelos da Europa, nomeadamente Paris e Veneza. Verificou-se um aumento exponencial do consumo, consequência dos vários

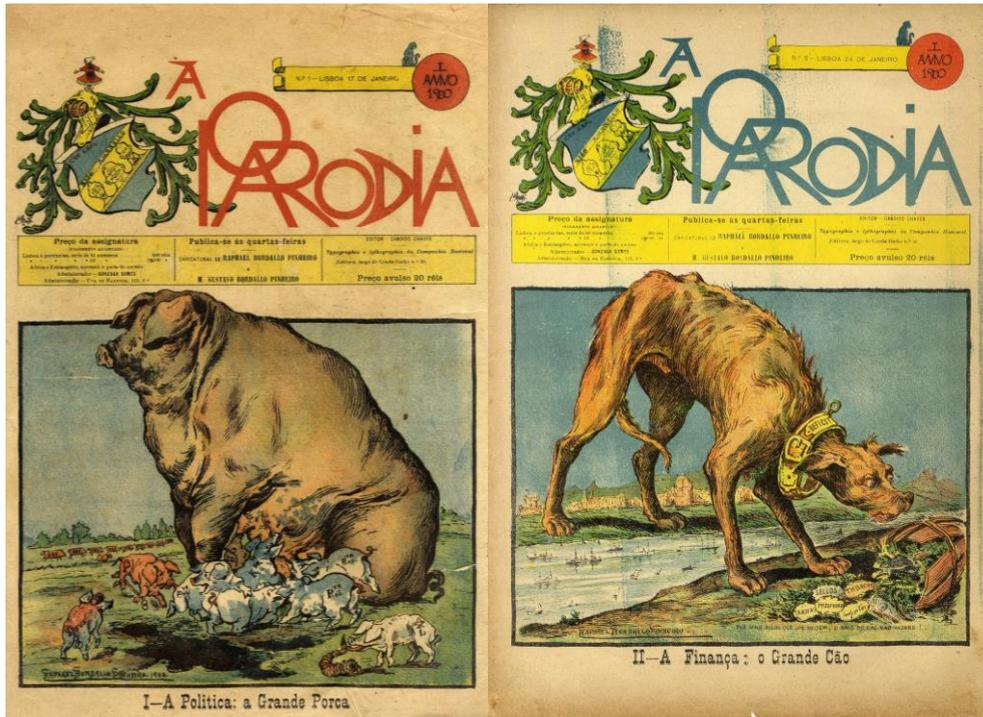


Figura 20, 21, 22 e 23- Capas Nº 1, 2, 3 e 4 da revista A Paródia relativas à série Zoopolítica.

anúncios em títulos da imprensa e da publicidade em *outdoors* e cartazes de grandes dimensões, o que impulsionou a frequência de espaços públicos de sociabilidade.

É por volta de 1870 que começam a surgir os primeiros quiosques, mais em particular, na capital portuguesa. Estas construções de madeira, ferro e alvenaria, instaladas na via pública, são exemplos de equipamentos urbanos equiparáveis aos dos *boulevards* parisienses que vendiam jornais, flores, tabaco e bebidas. Das empresas de construção especializadas nestes quiosques destaca-se a Casa J. Lino & Ca, criada pelo pai de Raul Lino (1879-1974). Esta nova linguagem parisiense, alinhada com este tipo de construções, tornou-se um marco no desenvolvimento comercial e um símbolo do progresso do design em Portugal, alterando a forma de publicitar, de distribuir e de vender produtos.

Em 1900 é publicado o primeiro número da revista *A Paródia*, última revista que Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) editou. Em 1903, a revista juntou-se à *Comédia Portuguesa*, dirigida por Julião Machado (1863-1930) e Marcelino Mesquita (1856-1919), passando assim a intitular-se como *Paródia: comédia Portuguesa*. Foi com as ilustrações para este jornal que Bordalo chegou ao auge do seu trabalho como caricaturista destacando-se, entre muitos trabalhos, a série *Zoopolítica* (com a colaboração do seu filho) onde retrata, através de nove desenhos, a sociedade portuguesa da época. Dos acontecimentos mais importantes ao longo dos oito anos do jornal, destaca-se a Exposição Universal de Paris²⁰, em 1900, que demonstrou a valorização e o desenvolvimento da cultura e da arte portuguesa.

Com a implantação da República em 1910, o país sofre uma reconfiguração económica na qual se criam novas indústrias e se modernizam as existentes. Este cenário é principalmente notório nas grandes cidades onde se vê uma importação das tendências cosmopolitas parisienses, não só a nível dos

²⁰ É importante referir que na exposição universal de Paris anterior, Bordalo Pinheiro “vendeu (...) todas as peças que expôs da sua louça”, mesmo as partidas, pela simples razão de ter sido o único artista “original”, ou seja, “português, (...) mantendo o seu trabalho humildemente fiel à tradição artística da sua pátria”, de acordo com Ramalho Ortigão (1836-1915). (Ortigão, 1909, p. 258)

"ORPHEU"

REVISTA TRIMESTRAL DE LITERATURA

PORTUGAL E BRAZIL

Propriedade de: ORPHEU, L.^{da}

Editor: ANTONIO FERRO

DIRECÇÃO

PORTUGAL

Luiz de Montalvôr — 17, Caminho do Forno do Tijolo — LISBOA

BRAZIL

Ronald de Carvalho — 104, Rua Humaytá — RIO DE JANEIRO

ANO I — 1915

N.º 1

Janeiro-Fevereiro-Março

SUMÁRIO

LUIZ DE MONTALVÔR	<i>Introdução</i>
MARIO DE SÁ-CARNEIRO	<i>Para os "Indícios de Ouro" (poemas)</i>
RONALD DE CARVALHO	<i>Poemas</i>
FERNANDO PESSOA	<i>O Marinheiro (drama estático)</i>
ALFREDO PEDRO GUISADO	<i>Treze sonetos</i>
JOSÉ DE ALMADA-NEGREIROS	<i>Friços (prosas)</i>
CÔRTEZ-RODRIGUES	<i>Poemas</i>
ALVARO DE CAMPOS	<i>Opiário e Ode Triunfal</i>

Capa desenhada por José Pacheco

Officinas: Tipografia do Comércio — 10, Rua da Oliveira, ao Carmo

LISBOA

Figura 24- Primeiro número da revista Orpheu, de 1915.

produtos vendidos, como também, no formato de comércio inspirados nas *Grands Magasins* da capital francesa. Lisboa passa a ser a capital do *chic* onde as lojas e os armazéns mostram as tendências internacionais. É neste contexto que começam a ser difundidas, em diversas publicações periódicas e em revistas, as modas parisienses. Surge uma revolução na imprensa na qual as oficinas de tipografia, de produção gráfica e de publicidade começam a promover atividades como bailes em “espaços de ostentação a novos-ricos”. (Souto, 2015, p. 6)

É fundada, em 1906, a Sociedade de Propaganda de Portugal (SPP) por Leonildo de Mendonça e Costa (1849-1923) cujo principal objetivo era a promoção do país a nível intelectual, moral e material e, dessa forma, cativar a população nacional e internacional. Começam a surgir cada vez mais apoios às artes gráficas e de tipografia.

A sociedade portuguesa e, mais em particular, o design, vão ser inevitavelmente marcados pela I Guerra Mundial. Apesar disso surge, em 1912, o I Salão dos Humoristas Portugueses²¹, presidido por Bordalo Pinheiro, com a afirmação de ilustradores e designers “multifacetados” (designers de mobiliário, cartazistas, publicitários, ilustradores, ceramistas e vitralistas), tais como, António Soares (1894-1978) e Correia Dias (1892-1935). Também no Porto e em Coimbra se fez sentir esta mudança no design português, movimento este que era comentado ao redor de pequenas mesas de cafés, como as d’A Brasileira.

O desejo de modernismo acentuou-se com a dinamização de exposições nacionais, como a Exposição Nacional de Artes Gráficas, em 1913 e a Exposição de Humoristas e Modernistas no Porto, em 1915. Das feiras internacionais também chegavam alguns ecos das novidades em curso no resto da Europa e no mundo.

É em março de 1915 que o movimento modernista se afirma em Portugal, com o lançamento do primeiro número da revista *Orpheu*. Dois anos mais

²¹ Importante acontecimento para a história da Arte Portuguesa e para a vida cultural de Lisboa. Exposição de caricaturas modernistas, homenageando os antigos caricaturistas. Esta foi uma das primeiras manifestações do modernismo artístico em Portugal.

tarde, encerra-se esta primeira fase do movimento quando a revista *Portugal Futurista* é apreendida pela polícia.

Portugal sempre sentiu os novos movimentos vindos da Europa de forma tardia. O mesmo se notou relativamente à institucionalização do design que apenas se tornou uma disciplina durante a Campanha do Bom Gosto. Esta iniciativa, elaborada por António Ferro (1895-1956), após assumir o cargo de diretor do Secretariado de Propaganda Nacional a pedido de Salazar, serviu para criar alguma coerência entre as necessidades propagandistas do poder salazarista e o desenho de linhas estéticas e artísticas. Este “guia de boas práticas” permitiu “elevar os padrões de criação artística em vários contextos, nomeadamente na decoração de interiores, nas montras com comércio e nas artes gráficas”. (Coelho, 2013, p. 45) Introduziu, também uma nova dimensão no projeto gráfico, trabalhando e aperfeiçoando os *layouts*, o *lettering* e o uso da cor. Esta afirmação do design permitiu a elaboração e o tratamento das capas das revistas no que nota ao design gráfico, do ponto de vista comercial, técnico e artístico. Revistas internacionais como a *La Vie Parisienne*, a *The Saturday Evening Post* e a *Vogue* influenciaram profundamente os novos *magazines* que iam surgindo no início da década de 20. Estes, dirigidos principalmente a uma “burguesia elegante e moderna”, representavam os “ambientes de festivo”, mundanos, urbanos, que aqueles ilustradores criam”. (Santos, 2015, p. 62) Era nestas *magazines* que vinham publicitadas as aberturas dos novos cafés, dos *clubs*, dos espaços noturnos e também das festas dadas nesses espaços. Eram também impressos pequenos jornais gratuitos onde se anunciavam os produtos vendidos em cafés como A Brasileira e de outras lojas da capital.

A revista “Ilustração Portuguesa”, datada de 1906, teve claramente as suas inspirações numa outra revista francesa, de 1843: a *L’Illustration*. A primeira série desta revista dá a conhecer à população o design de interiores, o mobiliário e a decoração das casas de figuras do meio cultural português. Retrata também as grandes noites de bailes em salões elegantes direcionadas para os aristocratas e para os burgueses. Integra ainda alguns textos literários e a representação visual de episódios ligados à vida política internacional.



Figura 25- Capa da revista ABC, com referência ao Bristol Club.

A partir da década de 20 a revista altera-se e aproxima-se mais da “estética moderna e mundana dos magazines” sob a direção de António Ferro. (Coelho, 2013, p. 46) Esta evolução teve uma grande importância tanto a nível dos artigos publicitários e dos seus redatores, como também, nos ilustradores e *designers* envolvidos, destacando-se António Soares, Jorge Barradas e Almada Negreiros.

Também a *ABC magazine* fez grande furor, a partir de 1920, pela publicidade feita ao Bristol Club. Foi evidente a lógica publicitária aqui praticada: o clube divulgava os artistas e estes promoviam e anunciavam o clube. N’O Domingo Ilustrado surgem inúmeras publicações, quer de páginas inteiras ou apenas de rodapé, que comprovam a popularidade do espaço. Este clube e A Brasileira do Chiado eram considerados, pela própria imprensa, museus informais de arte moderna da cidade de Lisboa, verdadeiras casas dos artistas modernos.

Surgem ainda as revistas *Ilustração*, onde Almada Negreiros foi ilustrador em 1928, a *Voga*, maioritariamente para mulheres, a Magazine Bertrand, Contemporânea e a *Presença*, que surgiu em 1926, em Coimbra.

“Em todos eles se continua a tomar a bica, inventada por Adriano Telles da A Brasileira. Conta-se que, certo dia, alguns clientes reclamaram a qualidade do café.

O Adriano, para acautelar a ocorrência, mandou distribuir o líquido saído diretamente da bica, ou seja, do saco. De facto, o sabor melhorou substancialmente, e o aroma fortaleceu-se.”

(Nogueira, 2007, p. 29)

III – Os Cafés de Coimbra

Os Núcleos da Cidade

Em Coimbra, é possível identificar alguns núcleos importantes que se foram formando e crescendo ao longo da história da cidade, cada um com especificidades e necessidades distintas, identificados como cidades autónomas dentro da grande cidade.

O primeiro núcleo criado na cidade é o da Alta. Por razões defensivas, esse foi implantado a cerca de 90 metros de altura sobre o rio Mondego permitindo um maior e melhor controlo do território. Com a instalação da Universidade em 1544, apesar desta instituição abranger outros polos, nomeadamente na Rua da Sofia, com colégios como o da Nossa Senhora da Graça, da Boaventura, do Espírito Santo e do Antigo Colégio das Artes, foi na Alta que foi formada a sua centralidade.

Com o encerramento do “período das reconquistas e da fixação nacional”, começou a notar-se uma deslocação para a zona mais baixa do território, perto do rio. (Ferreira, 2007, p. 19) Surge, desta forma, um novo núcleo, o da Baixa que, através da sua localização geográfica, possibilitou o desenvolvimento da prática das atividades mercantis. É neste núcleo que surge de forma mais notória, a partir da década de 1940, o movimento dos cafés. Fazia parte da etiqueta ir ao café beber um chá e discutir sobre as notícias da cidade e do país. É ainda de salientar as marcas históricas que a Alta e a Baixa foram acumulando aos longos dos tempos, tanto a nível espacial, como nas memórias de quem viveu aqueles espaços.

De forma a criar uma ligação entre estes dois primeiros núcleos surgem, no final do séc. XIX, a Avenida Sá da Bandeira e a Praça da Republica.

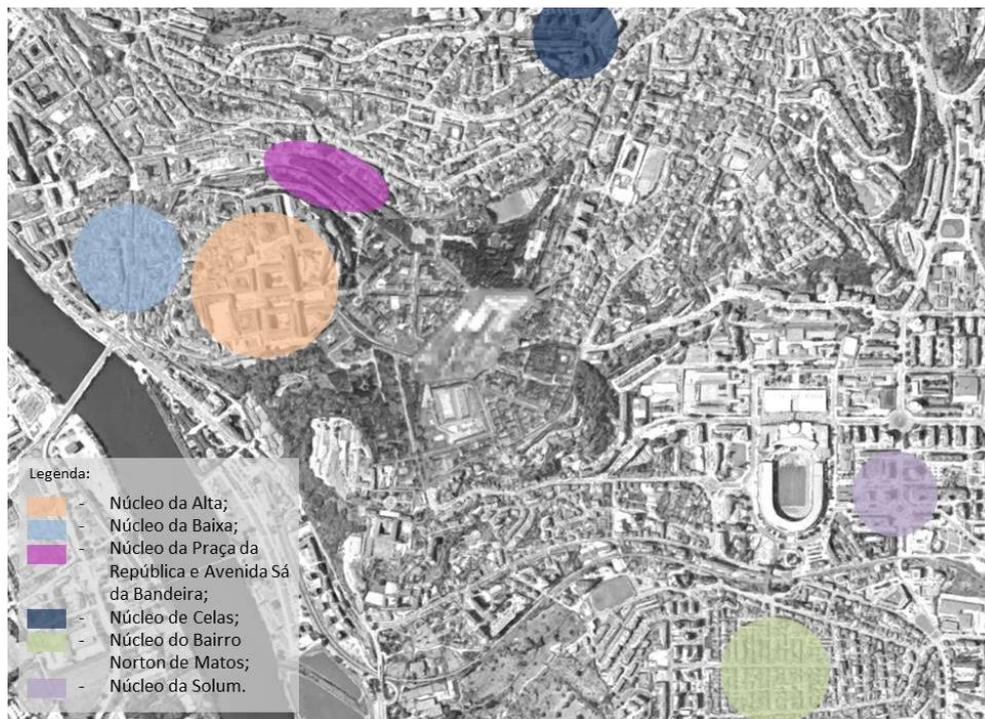


Figura 26- Planta de Coimbra com a identificação dos seis núcleos existentes na urbe.

Importante referir que este processo vem acompanhar um movimento sentido na Europa de reestruturação urbana e de expansão do território. Em Coimbra, esta intervenção urbanística possibilitou não só a inserção de novos elementos, tais como, redes de saneamento e iluminação das vias públicas, como também, a perspetiva de criação de novas redes urbanas e novas tipologias para a restante cidade. O Café Mandarin é implantado neste núcleo e foi caracterizado como “um espaço verdadeiramente democrático”. (Ribeiro et al., 2008, p. 89)

No século XX, de forma a dar seguimento a esta “ação estratégica de urbanizar o território segundo planos”, Duarte Pacheco (1900-1943), Ministro das Obras Públicas da época, contrata especialistas para a elaboração desses planos. (Ferreira, 2007, p. 21) Entre eles estava Etienne de Groer (1882-1974)²² responsável pelo Plano de Extensão e Embelezamento da cidade de Coimbra. É neste panorama que surge o “Programa das Casas Económicas” e a construção do Bairro Norton de Matos, um dos primeiros núcleos desta nova expansão urbana da cidade. Este novo centro é criado de forma a dar resposta à população com menos capacidade financeira²³ e também, uma forma de atrair e fixar a população para esta nova área. Nele podemos encontrar ainda nos dias de hoje o Café Samambaia, aberto desde o final da década de 60.

A Solum, outro núcleo da expansão urbana da cidade no século XX, nasce da vontade de modernizar Coimbra e de acompanhar as tendências urbanísticas da Europa. A este, acresce ainda o núcleo de Celas que para além do crescimento urbano que possibilitou, teve um papel importante no desenvolvimento dos estudos de carácter universitário e passou a ser apelidado de “zona de saúde”. (Ferreira, 2007, p. 18)

²² Urbanista parisiense responsável pela realização de planos urbanísticos para várias cidades de Portugal, nomeadamente, para a cidade de Lisboa, de Braga, de Évora, de Almada, de Abrantes e de Sintra.

²³ Com as obras da cidade universitária, iniciadas na década 40, a população que aí vivia teve de ser realojada no novo Bairro.



Figura 27- Edifício onde era a antiga Livraria Coimbra Editora, atualmente.



Figura 28- Antiga Livraria Atlântida, na década de 80.

Os Cafés da Baixa

Tal como no resto do país, também em Coimbra só a partir do séc. XX, se começou a verificar um grande aumento da utilização dos cafés como forma de discutir ideias, acontecimentos do dia-a-dia, “produzir comentários políticos (...), incrementar movimentos conspiratórios” ou simplesmente para tomar a bica, como ficou conhecido o café. (Nogueira, 2007, p. 30) Antes disso, a existência de cafés era quase nula e as tertúlias juntavam-se nas livrarias e nas *Pharmácias*, tais como, a Livraria Coimbra Editora, a Livraria Atlântida, a Farmácia Miranda e a Farmácia Universal. Também as pastelarias e os cabeleireiros, apesar de serem espaços muito diferenciados, tiveram um papel importante na difusão de ideias, servindo de ponto de encontro para os cidadãos que os frequentavam. A inconfundível Pastelaria Briosa, aberta desde 1955, continua a ser uma referência para a população e, também, como ponto turístico para quem visita a cidade de Coimbra.

Inicialmente, eram os Cafés da Alta que reuniam os estudantes, até cerca de 1940, altura da sua decadência. Por volta de 1920/30, nascem os cafés da Baixa, os quais deixam de ser apenas académicos para passarem a receber o cidadão comum, mas também, personalidades com alguma notoriedade no meio social da cidade. O Santa Cruz, A Brasileira e o Café Central são deste tempo, aos quais se juntam, na década de 40, o Montanha e o Nicola e, na década de 50, o Arcádia e o Internacional. (Nogueira, 2007, p. 30)

Este movimento tornou-se bastante emblemático para a cidade e para quem lá vivia pois, não só eram espaços de tertúlia como também de convívio e de “formação intelectual e política” que despertavam novas consciências. (Nogueira, 2007, p. 30) Esta discussão levou aos cafés os opositores ao regime

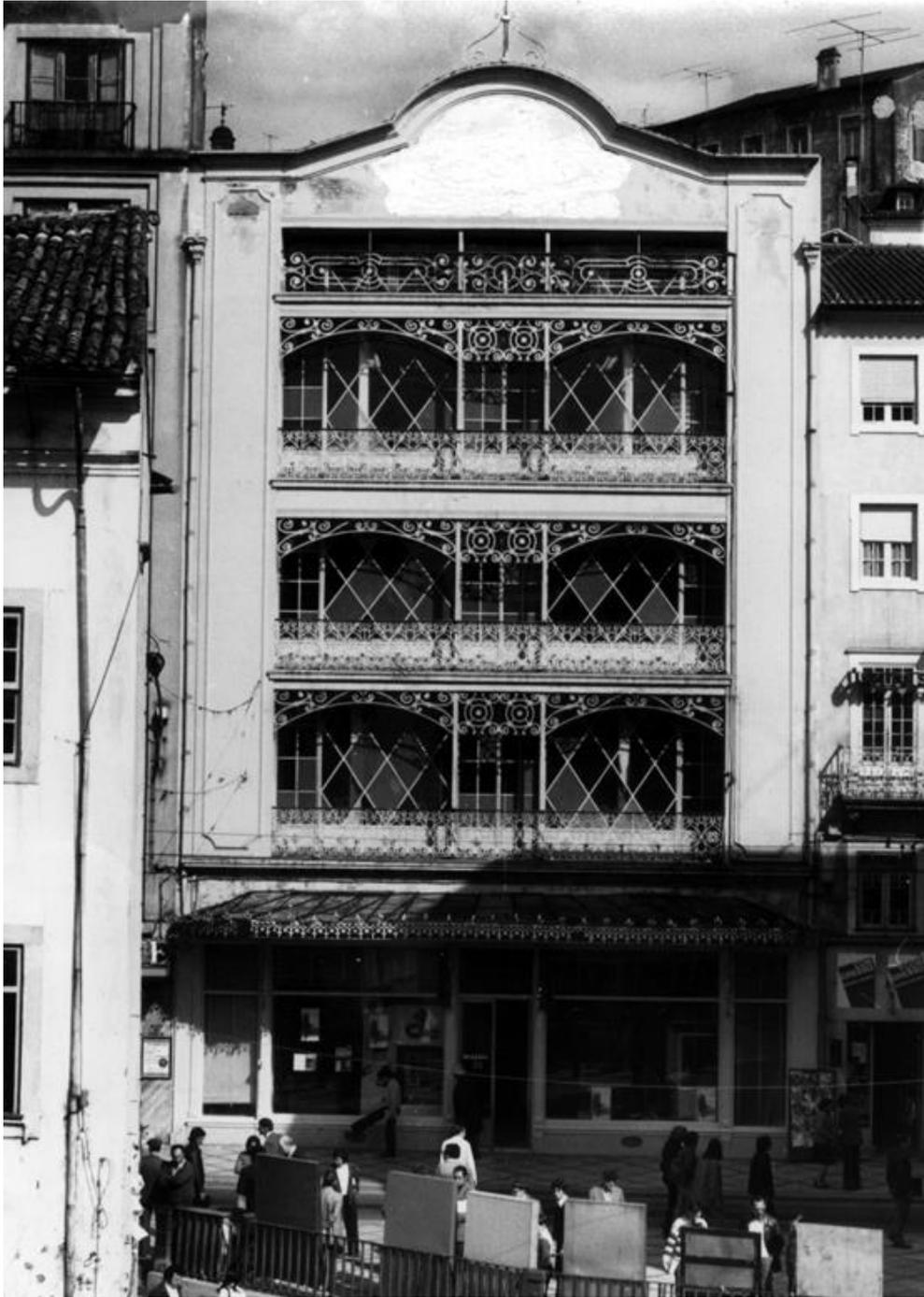


Figura 29- Fachada do Edifício do Chiado, na década de 80.

salazarista e, conseqüentemente, agentes da PIDE, que passaram a frequentar os mesmos para controlar estes espaços. (Nogueira, 2007, p. 31)

Mais tarde, em 1950/60, surgem os “cafés de bairro”, tais como o Madeira na Avenida Dias da Silva, o Raul perto do Botânico, o Mandarin na Praça da República²⁴ e a Pastelaria Marques na Avenida Sá da Bandeira.

A Rua Ferreira Borges foi, em tempos, uma das artérias com maior fluxo comercial de Coimbra, comparada até a uma *boulevard* parisiense, mas em menor escala. Esta rua era considerada a “passerelle” da moda, sendo obrigatória a visita a este espaço para conhecer os modelos mais recentes de vestir ou para se sentar num café e beber um chá. De forma a cativar o maior número de pessoas para os espaços ali existentes, a Autarquia iniciou um processo de embelezamento daquele espaço urbano. É importante referir a remodelação que o Edifício do Chiado sofreu (localizado num antigo prédio adquirido pelos Grandes Armazéns do Chiado) em 1909, e que o tornou no maior estabelecimento comercial de Coimbra, surgindo com uma arquitetura de ferro com características revivalistas, transformando-se na “mais valiosa construção desta época na urbe mondegúina” (Nunes, 2007, p. 434).

Tendo em vista acompanhar o crescente movimento de valorização desta rua, foram iniciadas obras em 1920, com o intuito de melhorar os espaços públicos e providenciar melhor proteção para as montras existentes nesta artéria. Os passeios foram alargados e arranjados e a iluminação exterior passou a ser elétrica, contribuindo para a “sua modernização e frequência noturna” (Nunes, 2007, p. 431). Para além da proibição de estacionamento automóvel, foi ainda deliberada pela câmara, em 1947, a proibição de “estacionamento de peões nas faixas de rodagem a qualquer hora e ainda nos passeios” (deliberação de 25/09/1947), algo considerado “curioso e caricato”. (Nunes, 2007, p. 431) Foram também levadas a cabo outras ações como o uso das “tabuletas publicitárias”, a execução de desenhos artísticos nos passeios com pedras de várias cores, a remodelação dos edifícios que se encontravam mais degradados e a

²⁴ Apesar da história do Café Mandarin não ser aprofundada neste trabalho, é importante referir que, tal como acontece com alguns cafés na Baixa, também este reabriu anos mais tarde.



Figura 30- Fachada do Café Montanha, na década de 60.



Figura 31- Atual fachada do antigo Café Montanha.

obrigatoriedade de aplicar caleiras para recolha das águas pluviais. Em 1959, a faixa de rodagem é novamente diminuída e, mais tarde, a 18 de Fevereiro de 1993 é encerrada a circulação automóvel. (Nunes, 2007, p. 433) Apesar de ser uma das mais conhecidas ruas da cidade, em termos turísticos, a Ferreira Borges deixou de ter o impacto comercial que em tempos teve. A passagem para via pedonal poderá ter contribuído para essa alteração, ao contrário do que seria de esperar com a execução das obras de melhoramento. A vida cultural, política e social amplamente sentida nos cafés dos anos 20 e 50 deixou de existir, ficando apenas as memórias desses espaços pelos olhos de quem as viveu.

O Montanha

Este estabelecimento, no Largo da Portagem²⁵, foi dos cafés mais movimentados de Coimbra. Era um “café inovador” com os seus bailes e concertos musicais tão conhecidos dos anos quarenta. Era neste espaço que muitos estudantes encontravam o seu refúgio, foi um dos primeiros cafés a ter snooker e era nele que se serviam as bebidas mais exóticas. (Nogueira, 2007, p. 33)

Em agosto de 1961, acompanhando o desenvolvimento desta parte da cidade, e de forma a poder albergar mais clientes e melhorar as áreas existentes a nível de aproveitamento, o estabelecimento passa por uma remodelação da autoria do arquiteto Rui Vasco de Brito Pedro²⁶. Todo o pavimento é alterado e as áreas de trabalho e as instalações sanitárias são aumentadas e renovadas. De forma a aproveitar o grande pé direito do rés-do-chão, é criada uma galeria com cerca de metade da área do piso inferior, da qual nasce uma escadaria. Esta galeria, juntamente com os elementos que a compõem, é semelhante à existente no projeto que o arquiteto Cristino da Silva (1896-1976) fez para o Café Portugal em

²⁵ Também conhecido por Largo do Príncipe D. Carlos a partir 1886 e, mais tarde, com a queda da monarquia, em 1910, por Largo Miguel Bombarda. Em 1942 recuperou o nome original de Largo da Portagem, nome dado por ser ali que se cobravam as portagens.

²⁶ Não foi possível encontrar qualquer informação biográfica sobre o arquiteto.

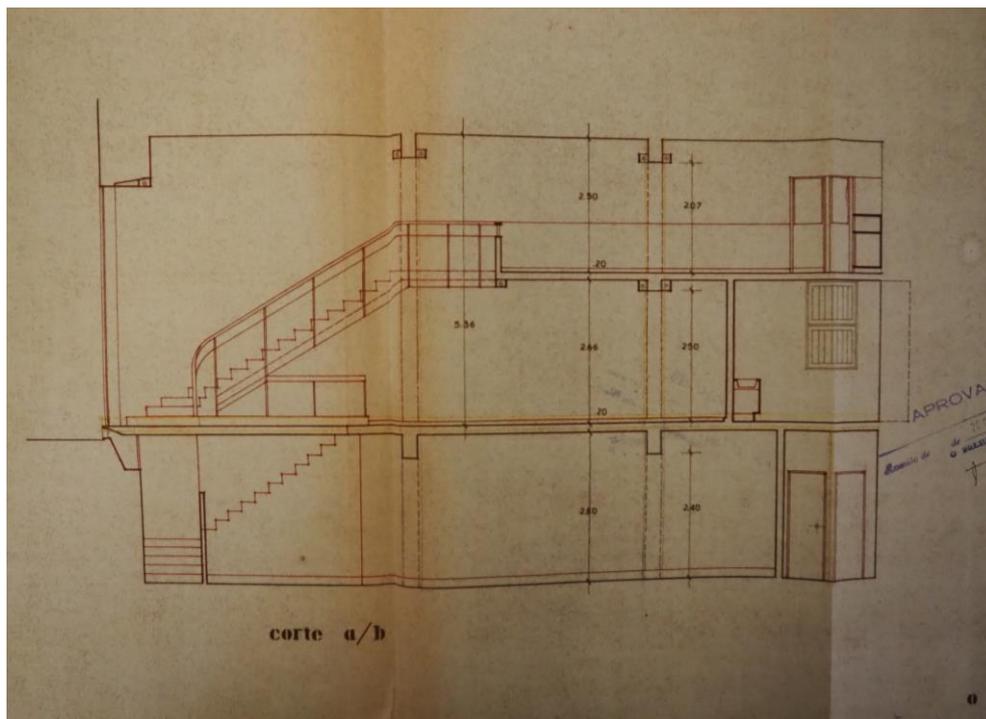


Figura 32- Corte do projecto do Arquitecto Rui Pedro onde é possível notar os gradeamentos.



Figura 33- Fotografia do interior do Café Portugal.

1939. O Montanha acabou por fechar, prematuramente, na década de 70. Em 1988, abre o novo Montanha, o espaço atual, apropriando-se de um stand de automóveis que lá existia. Removendo o letreiro da fachada, seria quase possível visualizar o antigo Montanha, não fossem estes dois espaços pertencentes ao mesmo prédio. O nome manteve-se mas as vivências são completamente diferentes.²⁷

A Brasileira

Os cafés “A Brasileira” são famosos em Portugal pela impressão deixada na sociedade. O slogan “O melhor café é o d’A Brasileira” não passa despercebido e, ainda nos dias de hoje o ouvimos, ou lemos, pintado em paredes.

A Brasileira abriu em Coimbra no ano de 1921. Os quase 20 anos de diferença que a separam das anteriores, do Porto, de Lisboa e de Braga,²⁸ permitiram a sua abertura como “sala de café”, diferenciando-se assim das anteriores que iniciaram o seu percurso com a venda de café ao quilo. (L. A. F. Coutinho, 2011, p. 65) O autor do projeto para este café terá sido Francisco de Oliveira Ferreira (1884-1957), arquiteto responsável pel’A Brasileira do Porto, mas não é possível confirmar. (L. A. F. Coutinho, 2011, p. 63) O prédio onde foi inserido teria três entradas alinhadas pelas janelas superiores as quais foram rasgadas para permitir um grande vão horizontal envidraçado, o que contrastava com as fachadas dos restantes edifícios.

²⁷ De acordo com um dos sócios do Montanha, foi o proprietário do café (e do prédio) que pediu para que o nome deste espaço fosse igual ao do antigo café que aí havia existido, talvez com o intuito de cativar mais clientes. (Informação obtida em conversa com um dos três sócios em novembro de 2020)

²⁸ A Brasileira do Porto abriu em 1903 na Rua de Sá da Bandeira, a de Lisboa em 1905 no Largo do Chiado e a de Braga em 1907 no Largo Barão de São Martinho. Tal como a Brasileira de Coimbra, estavam localizadas em centros históricos das cidades.

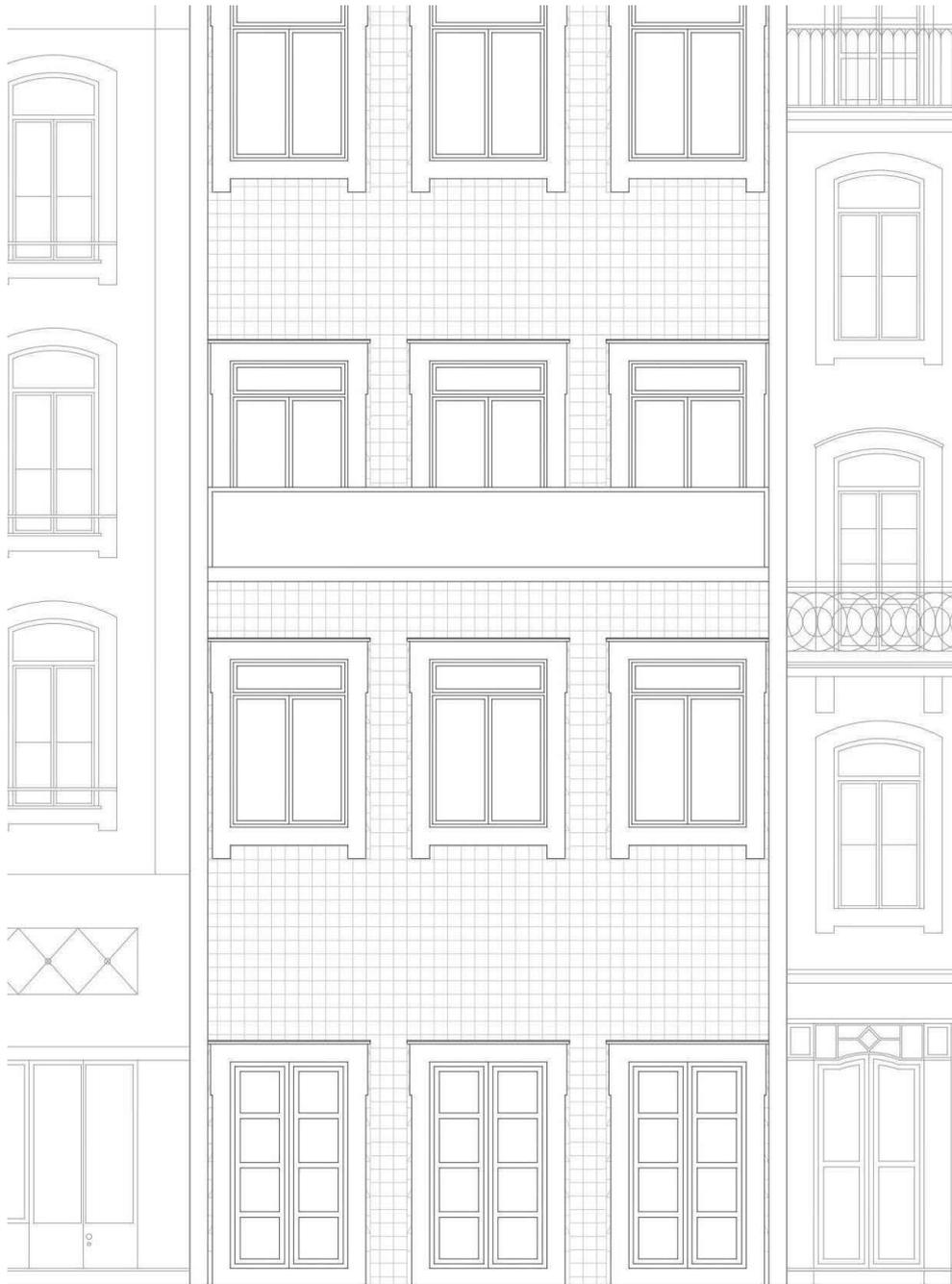


Figura 34- Fachada do prédio d'A Brasileira, anterior a 1921.

Era no rés-do-chão que funcionava o salão, com mesas redondas e tampos em vidro que eram facilmente transformadas em mesas maiores para almoços com tampos quadrangulares em madeira. Segundo Alberto Vilaça²⁹, as mesas à direita da entrada pertenciam a Aníbal Carneiro e Mário Carneiro e a outros homens “das letras”, as do centro “entre balcões”, a ele próprio e a “camaradas de partido político” e as da esquerda a “forasteiros”. (L. A. F. Coutinho, 2011, p. 61) Era também um espaço que os artistas e os poetas, ansiosos por mostrar o seu “talento e criatividade”, frequentavam. José Maria Cabral Antunes³⁰ (1916-1986), Vasco Berardo³¹ (1933-2017) e Cunha Rocha (1932-2016) são alguns nomes que por lá passaram.

O café possuía uma escadaria ao fundo que permitia, para além da descida até ao piso inferior, onde se encontrava a cozinha, a fuga pelas traseiras perante a presença da Pide.

O edifício sofre duas intervenções ao longo da década 30 e 40. Uma primeira intervenção, em 1936, que passou pelo aumento dos vãos de janela do primeiro e segundo andares para dar lugar a grandes janelas horizontais. Acompanhando as modas de Lisboa e do Porto, também o mármore cinza escuro foi usado nesta intervenção, apesar de posteriormente pintado, criando uma grande harmonia através da conjugação do mesmo com o material cromado e a iluminação. (L. A. F. Coutinho, 2011, p. 51) Segue-se uma nova intervenção, em 1945, que permitiu a alteração da caixilharia. Todos os vãos do prédio eram em madeira. A partir dessa data, os vãos do rés-do-chão, passam a ser em ferro lacado à cor castanha, com decoração floral, tal como são conhecidos atualmente enquanto que os dos pisos superiores se mantiveram em madeira, pintada também à cor castanha. Quanto ao letreiro existente na fachada com letras cromadas

²⁹ Autor do “À mesa d’A Brasileira”.

³⁰ Artista responsável pela realização de um painel decorativo para o Café Nicola. Não foi possível encontrar mais referências a este painel. Foi também autor da estátua do Papa João Paulo II, na Praça João Paulo II e da estátua Heróis do Ultramar, na Praça Heróis do Ultramar. (Nunes & Castro, 2005, p. 60)

³¹ Pintor responsável pelo mural existente no Café Mandarin, na Praça da República e pelo grande mural do Edifício Cruzeiro, em Celas.



Figura 35- Interior d'A Brasileira, perspectiva da entrada, anterior a 1945.



Figura 36- Pormenor da iluminação suspensa central do Café.

ornamentadas em estilo Art Decó, pensa-se ter sido elaborado nesta remodelação, pelo arquiteto alemão Willi Braun³². Toda a fachada do rés-do-chão ficou a contrastar com o primeiro, segundo e terceiro andares pela falta de qualquer tipo de ornamentação.

Este estabelecimento fechou as suas portas em 1995 e durante quase 20 anos deu lugar a uma loja de roupa. Em 2012, A Brasileira volta a reabrir trazendo de volta à Baixa algum do sentimento perdido com o seu encerramento. É interessante observar que, apesar das diferentes funções que exerceu durante este tempo, a sua fachada foi conservada mantendo intacto o letreiro em letras cromadas. Para esta reabertura, todo o espaço foi alterado dando lugar à funcionalidade e modernidade, contudo, houve o cuidado de usar elementos como paredes espelhadas e alguns ornamentos que remontam ao período da Art Nouveau e aos cafés da época. Igualmente importante é a frase “O melhor café é o d’A Brasileira”, gravada numa das paredes, recordando as origens destes estabelecimentos.

Este estabelecimento foi e continua a ser nos dias de hoje, um “marco insubstituível da herança patrimonial e cultural de Coimbra”. (Vilaça, 2005, p. 195) Contribuiu inevitavelmente para a criação da identidade da Baixa como a conhecemos hoje, não só como espaço de encontro e sociabilidade por onde passaram figuras ilustres de Coimbra, como também, pelo legado histórico e arquitetónico que deixou.

³² Arquiteto responsável pelo projeto de remodelação do antigo Teatro Sousa Bastos na Rua Joaquim António de Aguiar, em março de 1945. Deste projeto para uma sala de cinema, restam apenas as fachadas. (Atualmente existe uma proposta, em fase de licenciamento camarário, para transformar o espaço numa residência para estudantes).



Figura 37- Fotografia da fachada do Café, de 1965.



Figura 38- Fotografia da fachada do Café, atualmente.

“O Triângulo Escaleno”

A Brasileira foi, até ao seu encerramento em 1995, um local de grande diversidade social, de arte e de divulgação de ideias. Este espaço, juntamente com o café Arcádia e a Barbearia Universal, formava o chamado “Triângulo Escaleno” de Mário Nunes³³. Este pretendeu valorizar e chamar a atenção para três espaços incontornáveis da cidade de Coimbra que foram, durante anos, verdadeiras “catedrais”³⁴, imensamente frequentadas não só por estudantes, como também por políticos, intelectuais, artistas e poetas.

Do mesmo lado d’A Brasileira, umas portas à frente, surgiu o café Arcádia. Abriu em 1948, após obras de adaptação de uma antiga loja de venda de louça. A sua fachada, revestida a mármore cinza escuro com tonalidades brancas, é uma característica comum já conhecida deste tipo de estabelecimentos, visível anteriormente n’A Brasileira e que confere algum requinte e notoriedade ao espaço. Através da observação de fotografias da época, são também visíveis os grandes vãos envidraçados que preenchem toda a fachada deste café e que antecipam um espaço altamente frequentado e densamente ocupado maioritariamente pelos “teóricos da bola”. (Nogueira, 2007, p. 31) É ainda aplicado um letreiro luminoso horizontal com o nome “Arcádia”, ladeado por dois perfis retangulares, também luminosos, que preenchem todo o painel superior em mármore, por cima dos vãos das janelas e da entrada do café. Era neste espaço histórico de “cultura insubstituível” que se ouviam, nos fins de tarde de domingo, os relatos dos jogos, através da Emissora Regional e se debatiam os resultados da Biosa. (Nogueira, 2007, p. 31)

Tal como aconteceu com muitos outros estabelecimentos, também o Café Arcádia encerrou, dando lugar a uma loja de roupa. A fachada emoldurada em mármore escuro, do lado esquerdo, foi mantida, sendo claramente perceptível o espaço onde existiu o antigo estabelecimento. Embora não tenha voltado a abrir,

³³ Mário Nunes (1938-2013) foi o vereador da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra. Autor de extensa obra sobre a cidade de Coimbra. Faleceu em 2013 com 75 anos.

³⁴ Expressão usada por vários autores para caracterizarem estes espaços de sociabilidade como locais de encontro.



Figura 39- Entrada do Café Arcádia, em 1966.



Figuras 40 e 41- À esquerda, o Café Nicola no ano de 1964, no decorrer da Latada e, à direita, a fachada do Café atualmente.

nem tal se preveja, foi dos cafés mais importantes da Baixa, merecendo aqui novamente ser mencionado.

O outro vértice deste conjunto é a Barbearia Universal, fundada em 1906. Foi igualmente um espaço de excelência que promoveu o encontro e a conversa entre amigos que, simultaneamente, cortavam ou aparavam a barba e o cabelo. Este espaço era frequentado pelas figuras mais notáveis da época como Bissaya Barreto, Miguel Torga, Adolfo Rocha e até mesmo Oliveira Salazar que não perdiam a ocasião para “colher informações de última hora”. (Nunes, 2007, p. 448)

A Barbearia Universal, para além de estar localizada na “montra da cidade”, possuía características que lhe atribuíam grande dignidade, tais como o ambiente interior “sumptuoso de belle époque”, com espelhos imponentemente trabalhados, lavatórios em porcelana pintados à mão e cadeiras articuladas. (Nunes, 2007, p. 449)

O Nicola

O Café Nicola, tal como A Brasileira, é um nome que todos os portugueses conhecem. O primeiro estabelecimento remonta a 1779 e estava localizado no Rossio, em Lisboa. Abriu como café/restaurante e foi ponto de encontro de muitas personalidades da história portuguesa. Destaca-se o poeta Bocage (1765-1805) que, através das suas declamações, cativou a população a frequentar o espaço e que, mesmo depois da sua morte, prosseguiram com as tertúlias.

Em Coimbra, o Nicola abriu na década de quarenta e passou desde logo a fazer parte deste conjunto de espaços enigmáticos tertulianos. Este estabelecimento que até agora se mantém aberto passou por alguns “períodos menos conseguidos”. De forma a fazer concorrência ao café Santa Cruz, houve a necessidade de transformar o espaço em café/restaurante. Foi durante esse



Figura 42- Fachada da antiga Pastelaria Central, em 1965.



Figura 43- Fachada actual do Café Central onde é possível identificar a antiga Pastelaria central, na "Pedemeia".

período que o Nicola teve o seu pico de frequentadores. Virgílio Ferreira e Fernando Namora eram frequentadores assíduos deste espaço e, para além de outros escritores, este foi também o café dos professores da Universidade, dos advogados, dos médicos e dos banqueiros, homens de influência. Até à abertura do Arcádia, albergava também os críticos do futebol. (Nogueira, 2007, p. 33)

A Central

Logo de seguida, encontramos um recém-aberto Café Central que vem fazer renascer a antiga Pastelaria Central. Esta, situada onde atualmente está um espaço de venda de meias, entre o Nicola e o atual Central, marcou fortemente o anos de 1940 a 1950 pelo seu salão de chá e pelos pastéis “confeccionados em fábrica própria”. De acordo com António Nogueira, “nenhuma história sobre os Cafés de Coimbra ficará completa sem que se faça a monografia da Central, a pastelaria do mundo *chic* dos anos de 1950.” (Nogueira, 2007, p. 33) E assim o era. Também alguns intelectuais como Miguel Torga e Paulo Quintela por lá passavam pedindo o seu chá e, também, “um bom branco”, “servido em chávena”, “para não chocar as fidalgas mais impressionáveis.” (Nogueira, 2007, p. 32)

É interessante percebermos que, tal como o café Montanha, a Central reabriu, duas portas ao lado do espaço onde era a original, com o mesmo nome. Apesar da linguagem entre as duas ser completamente diferente, é de notar o cuidado presente na elaboração do logotipo da fachada, o qual menciona a data de abertura da original, em 1927³⁵.

³⁵ Este logotipo foi elaborado pelo Atelier de Design e Comunicação Rui Veríssimo, de Coimbra.



Figura 44- Café Santa Cruz, actualmente.

Tratando-se de um dos cafés mais antigos de Coimbra, é de salientar a sua importância para a história deste tipo de estabelecimentos e para a cidade de Coimbra. O Santa Cruz, tal como indica António Nogueira³⁶ (1943-), é um espaço “emblemático a nível histórico, monumental, cultura, social e turístico” que irá ficar para sempre gravado na memória dos conimbricenses.

Inserido na antiga Igreja de São João das Donas, adjacente ao Mosteiro de Santa Cruz, começou a existir como café/restaurante a partir de 1919. Contudo, a história do espaço é muito anterior a essa data. Remonta à primeira metade do século XVI aquando da Reforma Joanina que permitiu a reconstrução de todo o edifício tornando-o maior, criando uma entrada independente para a nova Igreja Paroquial de São João das Donas³⁷. (Couto & Lobo, 2014, p. 49)

O interior do café mantém a arquitetura original com planta retangular na qual é claramente visível a zona onde teria sido a capela-mor. Os tetos mantêm-se iguais com abóbadas de nervura. Estas características arquitetónicas fazem deste estabelecimento um ponto de referência para turistas e para a realização de eventos culturais. Também a decoração interior com mobiliário antigo em madeira, couro e mármore tornam todo o café num espaço único com um “cunho muito especial e atrativo”. (Nogueira, 2007, p. 15)

Neste café, conhecido no século XX por “passarões” pelos frequentadores assíduos deste núcleo tertuliano de Coimbra, era regular a presença dos médicos da Universidade e de algumas figuras notórias da cidade como Paulo Merêa³⁸ (1889-1977). (Vilaça, 2005, p. 193)

³⁶ Autor de “Santa Cruz: Um Café com História”, em 2007.

³⁷ O espaço onde é atualmente o Café Santa Cruz era, até essa reforma, a entrada principal do Mosteiro.

³⁸ Foi uma das personalidades mais notáveis da Universidade Portuguesa, tendo sido professor da Faculdade de Direito de Coimbra de 1914 até 1949 (sendo que entre 1923 e 1932 foi professor na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa).

Os Cafés de hoje

No final dos “loucos anos 20”, muitos cafés perderam a vitalidade que os caracterizava, não só devido à crise económica, financeira e social que se seguiu e que atenuou o sentimento de euforia sentido anteriormente, mas também por albergarem atividades de jogo de carácter transgressor que iam contra a sociedade tradicional e conservadora defendida pela Ditadura e pelo Estado Novo.

Em paralelo, é a partir da década de 20 que ocorrem as intervenções na Rua Ferreira Borges que permitiram que esta se tornasse mais cosmopolita. De facto, apesar da quebra que se fez sentir em alguns dos cafés, a Rua Ferreira Borges nunca deixou de ser um “corredor emblemático” na cidade de Coimbra, contribuindo para a descentralização económica, política e social e proporcionando a convivência dos mais diversificados cargos e profissões que desciam da Universidade à Baixa. (Nunes, 2007, p. 425) A grande diversidade de estabelecimentos e espaços de tertúlia que ali existiram provocaram acesos debates e discussões na opinião pública. Toda a vida da cidade se divulgava, analisava e criticava em reuniões diárias dos diferentes círculos de cidadãos que frequentavam assiduamente aqueles locais. Apesar da instabilidade política e social sentida em Portugal e agravada no período da I Guerra Mundial, muitos destes estabelecimentos conseguiram manter as suas portas abertas dada a sua importância, vindo alguns a fechar mais tarde no final do século.

Nos dias de hoje, quem passeia pela Ferreira Borges e pela Visconde da Luz nota uma certa descaraterização do ambiente a nível social e cultural. Muitas dos espaços ali existentes estão vazios, outros, apesar de abertos, não têm qualquer movimento e os cafés, quando os há, são novos e muito pouco combinam com a alma da antiga Baixa. O abandono dos núcleos centrais das cidades e a abertura das grandes superfícies comerciais foram destruindo e deixando ao abandono o pequeno comércio, contribuindo para que estes cafés históricos não resistissem.

Este facto foi salientado no “Encontro dos Cafés com História”, realizado no Café Santa Cruz em 2018. No final da sua intervenção, João Paulo Martins afirmou que “é de esperar que os cafés possam estar assim (apontando para um café cheio de clientes), não apenas dedicados aos turistas e aqueles que os visitam mas também, cheios de vida, de gente a falar, a discutir, a viver a vida todos os dias. Mais do que um destino turístico, é bom saber viver os nossos cafés, a nossa cidade, o nosso país.” (*Os Cafés Históricos como Património Cultural*, 2018) São, portanto, de enaltecer os esforços que têm sido feitos, não apenas no âmbito de iniciativas deste tipo, como também pelos próprios proprietários dos cafés, em recuperar alguns destes antigos espaços que tão emblemáticos foram para as cidades e para quem nela vive. Um bom exemplo disso é o café Montanha que, graças à sua proprietária, renasceu, anos mais tarde, com o mesmo nome, uma porta ao lado do espaço original.

Assiste-se igualmente a uma certa regeneração urbana, sentida já desde o início da década de 90, coincidindo com o encerramento das ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz ao trânsito automóvel, recuperando a vida social e cultural que em tempos teve, muito embora adaptada aos novos tempos. Os cafés começam a surgir novamente na Baixa e o facto mais interessante é o aparecimento destes estabelecimentos de boémia e de sociabilidade com os nomes dos antigos e carismáticos cafés e pastelarias. Apesar do recrudescimento da importância ao longo de um certo período histórico, não deixa de ser notório o reconhecimento da importância que estes espaços tiveram na construção da cidade que conhecemos agora. Ainda assim, o esforço que tem sido feito no sentido de reabilitação do espaço público não tem sido suficiente para que se volte a notar o regresso da vida urbana, pelo menos na Baixa.

Conclusão

O Café, lugar de excelência para o consumo da bebida com o mesmo nome, é hoje em dia um espaço um pouco diferente daquilo que era nas primeiras décadas do século XX, mantendo-se embora o seu propósito original. Os cafés como espaço de encontro são parte integrante de qualquer sociedade. Além de serem um lugar destinado ao consumo, nele se desenvolvem algumas atividades importantes como a interação social, as trocas culturais e atividades de lazer, formas de estar desprendidas de formalidades, que refletem os hábitos e costumes de uma comunidade. Da relação entre a sua organização espacial e os modos de apropriação dos seus utilizadores, resulta a construção do ambiente próprio de cada café.

É a inegável importância destes espaços para cada cidade, comparável às Ágoras³⁹ dos gregos ou aos Fóruns⁴⁰ dos romanos que motiva a elaboração de trabalhos de investigação, como o presente, dando a conhecer e enaltecer as características destes estabelecimentos e contrariando uma certa tendência para o seu desaparecimento.

Analisando o local onde existiram alguns dos mais icónicos cafés, concluímos que os mesmos contribuíram para a criação ou valorização de grandes avenidas comerciais nas cidades que, ainda nos dias de hoje, o são. O café como espaço físico foi também um elemento que favoreceu a criação de núcleos e a sua uniformização, permitindo ainda uma leitura consolidada da cidade. A implantação destes estabelecimentos representou um movimento claramente marcado na história. Contudo, com o avanço natural do tempo e com as mudanças que se foram fazendo sentir na sociedade, muitos destes cafés com história acabaram por desaparecer. O Arcádia é exemplo disso mesmo. Foi dos cafés mais emblemáticos

³⁹ Termo grego que significa reunião, assembleia.

⁴⁰ Termo dado antigamente a uma praça, ou zona central, onde se realizavam cerimónias e discursos públicos. Era também nestes espaços que se podiam normalmente encontrar os principais centros comerciais.

da Baixa de Coimbra. No entanto, não sobreviveu ao tempo e à falta de cuidado pelo património material e imaterial que a cidade contém. Já o Nicola e o Santa Cruz são dos poucos que se conseguiram manter abertos até ao dias de hoje. O Montanha, A Brasileira e o Central relevam o reconhecimento da sua notoriedade ao longo do século XX no que se refere ao papel fundamental que tiveram na história da cidade e das suas vivências sociais, dado que, apesar de terem fechado portas, reabriram anos mais tarde, preservando os nomes da sua fundação.

Os cafés, apesar de serem espaços comuns onde se realizam atividades banais do dia-a-dia, foram capazes de deixar memórias e valores que são atualmente alvos de análise, reflexão e de estudo nomeadamente no que diz respeito aos artistas que ficaram encarregues de os projetar e decorar e aos seus frequentadores. Foram igualmente importantes pela criação da identidade do ambiente onde estão inseridos, não só no momento da sua abertura, como também nos dias de hoje, sendo de valorizar a sobrevivência ou o reaparecimento de locais emblemáticos e representativos de uma identidade cultural e de um tempo único, preservando sempre os traços que lhes deram origem e carácter.

Chegando a este ponto, importa sublinhar a importância do tratamento dos documentos relativos a estes espaços emblemáticos e marcantes da cidade. As dificuldades por vezes sentidas no acesso a esses documentos imprescindíveis revelam a necessidade de as instituições desenvolverem maior consciência do espólio que preservam, devendo organizá-lo e disponibilizá-lo à sociedade científica de um modo mais simplificado e facilitador de um trabalho de investigação.

Bibliografia

Monografias

- Argan, G. C.** (1992). *Guia de História da Arte*. Editorial Estampa.
- Antunes, C.** (2015). *AnoZero'15: Um lance de dados: Bienal de arte contemporânea de Coimbra*. Almedina.
- Baltazar, M. J.** (2015). *Design Português 1940/1959*. Verso da História.
- Bártolo, J.** (2015a). *Design Português 1900/1959*. Verso da História.
- Bártolo, J.** (2015b). *Design Português 1960/2015*. Verso da História.
- Coelho, N. M. C. C.** (2013). *O design de embalagem em Portugal no século XX: Do funcional ao simbólico: o estudo de caso da Saboaria e Perfumaria Confiança* [Tese de Doutoramento em Arte Contemporânea]. Universidade de Coimbra.
- Coutinho, B.** (2001). *Carlos Ramos (1897-1969): Obra, pensamento e acção: a procura do compromisso entre o modernismo e a tradição* [Tese de Mestrado em História da Arte Contemporânea]. Universidade Nova de Lisboa.
- Coutinho, L. A. F.** (2011). *A Brasileira de Coimbra: História arquitectónica de um café* [Tese de Mestrado em Arquitectura]. Universidade de Coimbra.
- Couto, F. D. T., & Lobo, R.** (2014). *Mosteiro Santa Cruz de Coimbra: Análise e reconstituição* [Tese de Mestrado em Arquitectura]. Universidade de Coimbra.
- Curado, A.** (2000). *Coisas sobre Coimbra: O Pica e a Briosa*. Almedina.
- Dias, M. T.** (1999). *Os Cafés de Lisboa*. Quimera.

- Duarte, F., Sarrico, P., & Aveiro** (Eds.). (2013). *A Arte Déco nos azulejos em Portugal: Coleção Feliciano David e Graciete Rodrigues: catálogo da exposição*. Câmara Municipal.
- Fernandes, J. M., & Janeiro, M. de L.** (Eds.). (1998). *Luís Cristino da Silva, arquitecto: Catálogo da exposição*. Centro de Arte Moderna de Azeredo Perdigão, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferreira, C. C.** (2007). *Coimbra aos Pedaçõs: Uma abordagem ao espaço urbano da cidade*. [Tese de Licenciatura em Arquitetura]. Universidade de Coimbra.
- Fonseca, R. M. S.** (2011). *Vida e Obra do Escultor Leopoldo de Almeida (1898-1975)* [Tese de Doutoramento em Belas Artes]. Universidade de Lisboa.
- Fragoso, M.** (2012). *Design Gráfico em Portugal—Formas e Expressões da Cultura Visual do século XX*. Livros Horizonte.
- Leclant, J.** (1969). O café e os cafés em Paris. *Revista de História*.
- Lôbo, M. S.** (1995). *Planos de urbanização: A época de Duarte Pacheco* (2^a ed). FAUP Publicações.
- Mendes, N. F. F.** (2012). *Cafés históricos do Porto: Na demanda de um património ignoto* [Tese de Mestrado em História da Arte Portuguesa]. Universidade do Porto.
- Neto, T.** (2008). *Café Aliança: 1908-2008: um século de história da cidade*. (2^a ed.). Aliança.
- Nogueira, A. I. C.** (2007). *Santa Cruz: Um Café com História*. Câmara Municipal de Coimbra.
- Nunes, M.** (2007). *O Triângulo Escaleno* (Coimbra).
- Nunes, M., & Castro, M. C.** (2005). *Estátuas de Coimbra*. GAAC - Grupo de Arqueologia e Arte do Centro.

- Oliveira, M. A. B.** (2007). *Tipificação dos espaços privados de socialização mais elementares e a sua relação com o espaço urbano: Doze casos de estudo de cafés em Lisboa* [Tese de Mestrado em Arquitetura]. Universidade Técnica de Lisboa.
- Peixoto, P. T.** (2013). *Palacetes de Brasileiros no Porto*. Afrontamentos.
- Ribeiro, G. B., Figueira, J., & Murta, I.** (Eds.). (2008). *Espaços perdidos: Coimbra* (1ª ed). Minerva Coimbra : Ideias Concertadas.
- Rodolfo, J. de S.** (2002). *Luís Cristino da Silva e a Architectua Moderna em Portugal*. Publicações Dom Quixote, Lda.
- Rossi, A.** (2001). *A arquitectura da cidade* (J. C. Monteiro, Trad.). Cosmos.
- Santos, R. A.** (2015). *Design Português 1920/1939*. Verso da História.
- Saraiva, A.** (1980). *Correspondência Inédita de Mário de Sá Carneiro a Fernando Pessoa* (Centro de Estudos Pessoaanos).
- Selvafolta, O.** (1997). *Mobiliário Europeu* (Editorial Presença).
- Souto, M. H.** (2015). *Design Português 1900/1919*. Verso da História.
- Vaz, C. S.** (2009). *Clubes nocturnos modernos em Lisboa: Sociabilidade, diversão e transgressão (1917-1927)* [Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea]. Instituto Universitário de Lisboa.
- Vilaça, A.** (2005). *À mesa d'A Brasileira: Cultura, política e bom humor* (1ª ed). Calendário.

Periódicos

- A Beneficiencia: O Grande Kagado.** (1900, Novembro 28). *A Paródia*, I(46).

- A Burocracia: A Grande Rata.** (1900, Agosto 22). *A Paródia*, I(32).
- A Economia: A Galinha Choca.** (1900, Fevereiro 7). *A Paródia*, I(3).
- A Finança: O Grande Cão.** (1900, Janeiro 24). *A Paródia*, I(2).
- A Instrução Pública: A Grande Burra.** (1901, Janeiro 16). *A Paródia*, II(53).
- A Política: A Grande Porca.** (1900, Janeiro 17). *A Paródia*, I(1).
- A Reacção: A Grande Toupeira.** (1901, Abril 24). *A Paródia*, II(76).
- A Rethorica Parlamentar: O Grande Papagaio.** (1900, Maio 16). *A Paródia*, I(18).
- As Novidades Industriaes da Alemanha.** (1923, Abril 28). *Ilustração Portuguesa*, II(897).
- Carvalho, P. de.** (1909). Os Cafés de Lisboa. *Serões*, 52, 267–272.
- Carvalho, P. de.** (1909). Os Cafés de Lisboa. *Serões*, 53, 263–268.
- Cesar, E.** (2018, Agosto). Lendas e fatos sobre a vida de Francisco Palheta, o introdutor do café no Brasil. *Negócio Café*, 1(2).
- Maxims's.** (1922, Outubro). *Contemporanea*, II(4).
- O Exemplo Portuense.** (1923, Março 10). *Ilustração Portuguesa*, II(890).
- O Progresso Nacional: O Grande Caranguejo.** (1900, Agosto 8). *A Paródia*, I(30).
- Ortigão, R.** (1909, Março 1). A Ressurreição de uma história. *Arte Portuguesa*, II(27).
- Os retratos de Raphael Bordallo Pinheiro.** (1905, Fevereiro 10). *A Paródia*, III(107).
- Ruela, R.** (2020). Os irrepetíveis e loucos anos 20. *Visão*, 1400, 26–37.
- Santos, A. dos, Telmo, C., & Sindicato Nacional dos Arquitectos** (Eds.). (1938). O Café Portugal. *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos*, 3.
- Signal.** (1941). [revisto por D. Verlag]. 8.
- Pacheco, J.** (1926, Maio). O Bristol Club: Manifestação de Arte Moderna. *Contemporanea*, III(1).

Bristol Club. In Restos de Coleção. Consultado em 14 de Novembro de 2020. Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/09/bristol-club.html>.

Café A Brasileira. In Restos de Coleção. Consultado em 14 de Novembro de 2020. Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2016/08/cafe-brasileira.html>.

Café Cristal. In Restos de Coleção. Consultado em 16 de Janeiro de 2021. Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/01/cafe-cristal.html>.

Café Majestic. In Restos de Coleção. Consultado em 14 de Novembro de 2020. Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2018/01/cafe-majestic.html>.

Café Nicola. In Restos de Coleção. Consultado em 14 de Novembro de 2020. Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2016/11/cafe-nicola.html>.

Crystal Palace. In Britannica. Consultado a 20 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Crystal-Palace-building-London>.

Café Portugal. In Restos de Coleção. Consultado em 16 de Janeiro de 2021. Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/01/cafe-portugal.html?m=1>.

Café – Restaurante Santa Cruz em Coimbra. In Restos de Coleção. Consultado em 14 de Novembro de 2020. Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2021/07/cafe-restaurant-santa-cruz-em-coimbra.html>.

História. In *Majestic Café*. Consultado em 16 de Janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.cafemajestic.com/pt/Majestic-Cafe/Historia.aspx>.

Home. In A Brasileira Coimbra. Consultado em 16 de Janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.abrasileira-coimbra.com/pt/>.

Majestic Club. In Restos de Coleção. Consultado em 14 de Novembro de 2020. Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/02/majestic-club.html>.

Maxim's – Club dos Restauradores. In Restos de colecção. Consultado em 14 de Novembro de 2020. Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/10/maxims-club-dos-restauradores.html>.

Mosteiro de Santa Cruz. In Direção-Geral de Património Cultural. Consultado em 16 de Janeiro de 2021. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69813>.

Photos. In Precope. Consultado a 20 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.procope.com/>.

Research. In Santa Cruz. Consultado em 16 de Janeiro de 2021. Disponível em: <https://santacruz.ces.uc.pt/en/historical-overview/>.

Tortini: Um Café com mais de 200 anos. In O Bon Paris. Consultado a 20 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.obonparis.com/pt/magazine/grand-cafe-tortoni>.

Outras Fontes Documentais

Martins, J. P. (2018, Abril 20). *Os Cafés Históricos como Património Cultural* (Registo pessoal da autora)

Pinheiro, P. M. (2018). Clubes Noturnos de Lisboa (N. 6). Em *Visita Guiada*. <https://www.rtp.pt/play/p4530/e344260/visita-guiada>

Fonte das imagens

- 1- Vista aérea da portagem. Imagoteca da Biblioteca Municipal de Coimbra
- 2- Panfleto feito pela organização do programa
- 3- Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Crystal-Palace-building-London>;
- 4- Disponível em: <https://www.cometoparis.com/new-years-eve-in-paris/le-procope-restaurant-m9000639>
- 5- Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2018/03/cafe-martinho-da-arcada.html>
- 6- Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2018/03/cafe-martinho-da-arcada.html>
- 7- Retirado de: Mendes, N. F. F. (2012). *Cafés históricos do Porto: Na demanda de um património ignoto* [Tese de Mestrado em História da Arte Portuguesa]. Universidade do Porto. (p. 46)
- 8- Disponível em: <https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2016/01/o-cafe-marrare-do-polimento.html>
- 9- Disponível em: <https://www.cafemajestic.com/pt/Majestic-Cafe/Fotos-Videos/Fotos.aspx>
- 10- Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2016/08/cafe-brasileira.html>
- 11- Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2016/08/cafe-brasileira.html>

- 12- Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/01/grandes-armazens-do-chiado.html>
- 13- Revista Ilustração Portuguesa de 6 de Janeiro de 1923 (Nº881), p.20-21
- 14- Disponível em: https://gulbenkian.pt/cam/works_cam/nu-pintura-para-o-bristol-club-138968/
- 15- Disponível em: <https://www.adico.pt/seccoes.php?c=201&i=192>
- 16- Imagotheca da Biblioteca Municipal de Coimbra
- 17- Biblioteca Fundação Calouste Gulbenkian
- 18- Biblioteca Fundação Calouste Gulbenkian
- 19- Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/01/cafe-portugal.html>
- 20, 21, 22 e 23- Capas Nº 1, 2, 3 e 4 da revista A Paródia
- 24- Revista Orpheu, Nº1
- 25- Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/09/bristol-club.html>
- 26- Fotografia da autora.
- 27- Fotografia da autora.
- 28- Imagotheca da Biblioteca Municipal de Coimbra
- 29- Imagotheca da Biblioteca Municipal de Coimbra
- 30- Imagotheca da Biblioteca Municipal de Coimbra
- 31- Fotografia da autora.
- 32- Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra
- 33- Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/01/cafe-portugal.html>

34- Retirado de: Coutinho, L. A. F. (2011). *A Brasileira de Coimbra: História arquitectónica de um café* [Tese de Mestrado em Arquitetura]. Universidade de Coimbra. (p. Anexo III)

35- Imagoteca da Biblioteca Municipal de Coimbra

36- Disponível em:

<https://www.tralhaodesigncenter.com/component/advportfolioprop/project/54-a-brasileira?catid=11:restauracao&Itemid=101>

37- Imagoteca da Biblioteca Municipal de Coimbra

38- Fotografia da autora.

39- Imagoteca da Biblioteca Municipal de Coimbra

40- Imagoteca da Biblioteca Municipal de Coimbra

41- Fotografia da autora.

42- Imagoteca da Biblioteca Municipal de Coimbra

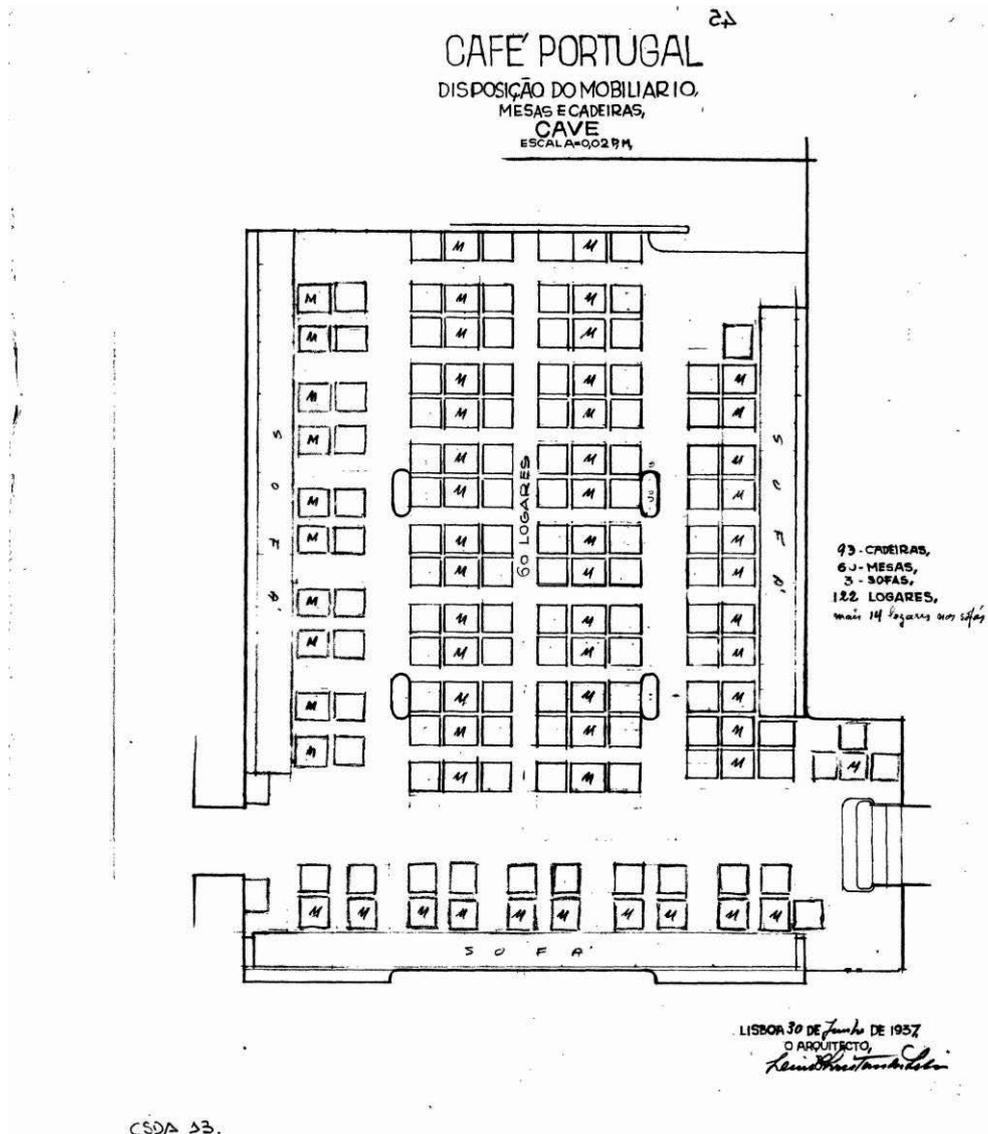
43- Fotografia da autora.

44- Fotografia da autora.

Anexos

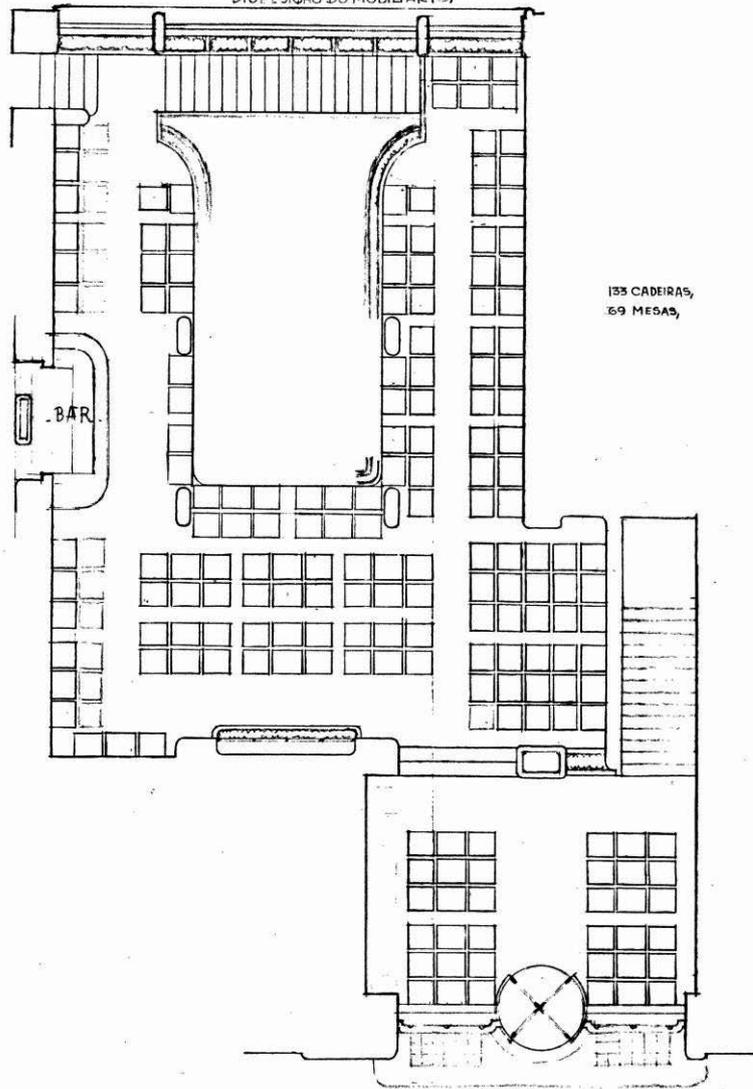
Anexo I - Projeto Café Portugal

Apresentação de algumas plantas e desenhos do espaço e do mobiliário realizado pelo arquiteto Cristino da Silva para o Café, nomeadamente plantas de estudo de materiais, cor e de planificação do espaço, desenho das cadeiras e das mesas e um esquiço da fachada. Elementos adquiridos na biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian.



OP
"CAFE PORTUGAL"
DISPOSIÇÃO DO MOBILIÁRIO,

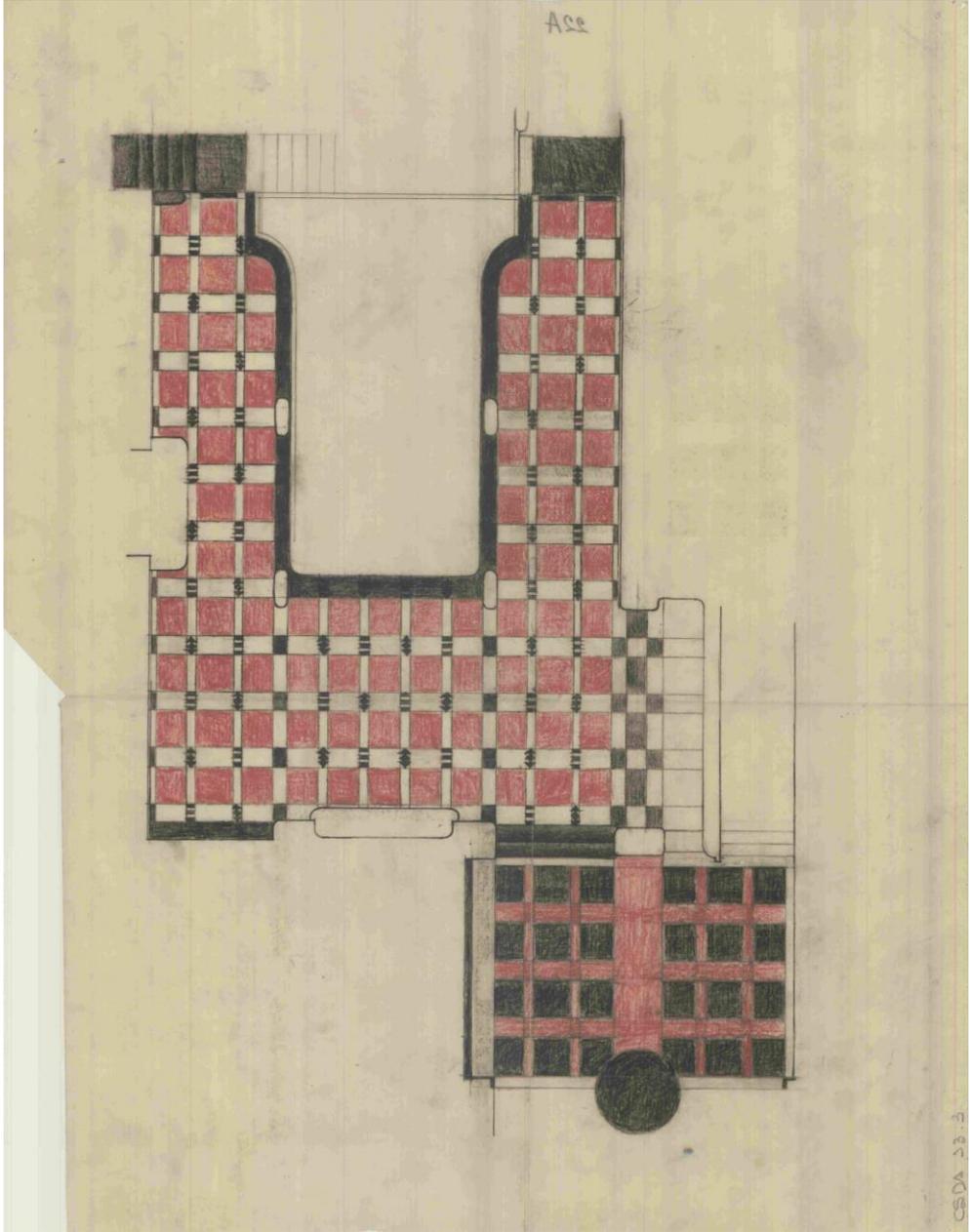
1sq. do salão
área de 0,2 por 1m



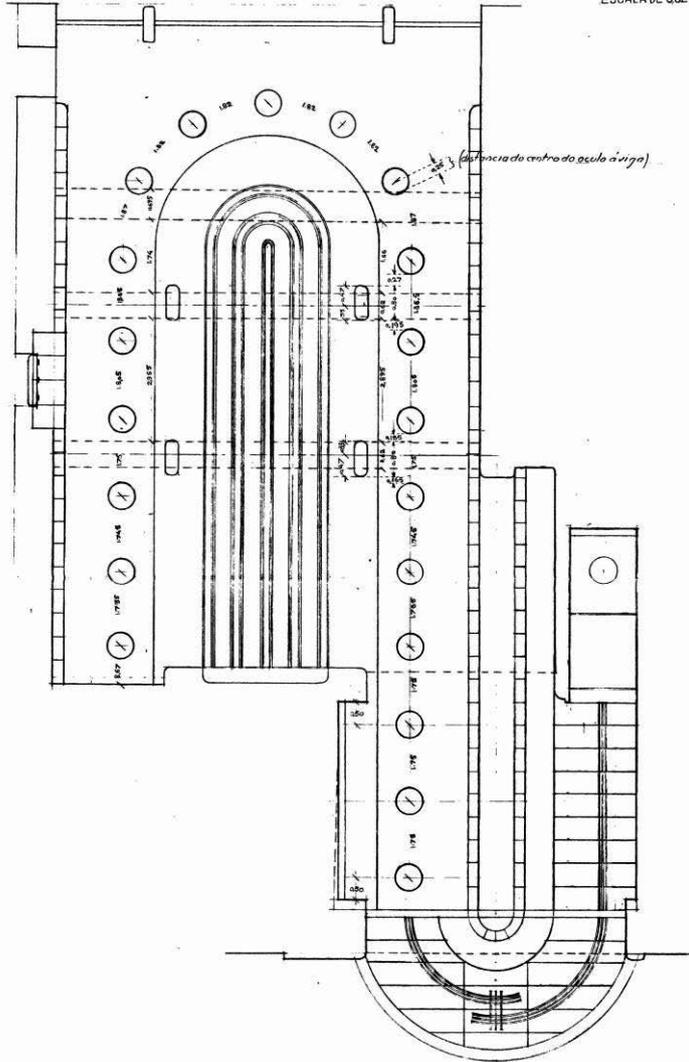
133 CADEIRAS,
69 MESAS,

CSQA 33.5

LISBOA 31 DE Junho DE 1937
O ARQUITECTO
Assimil. António de Oliveira



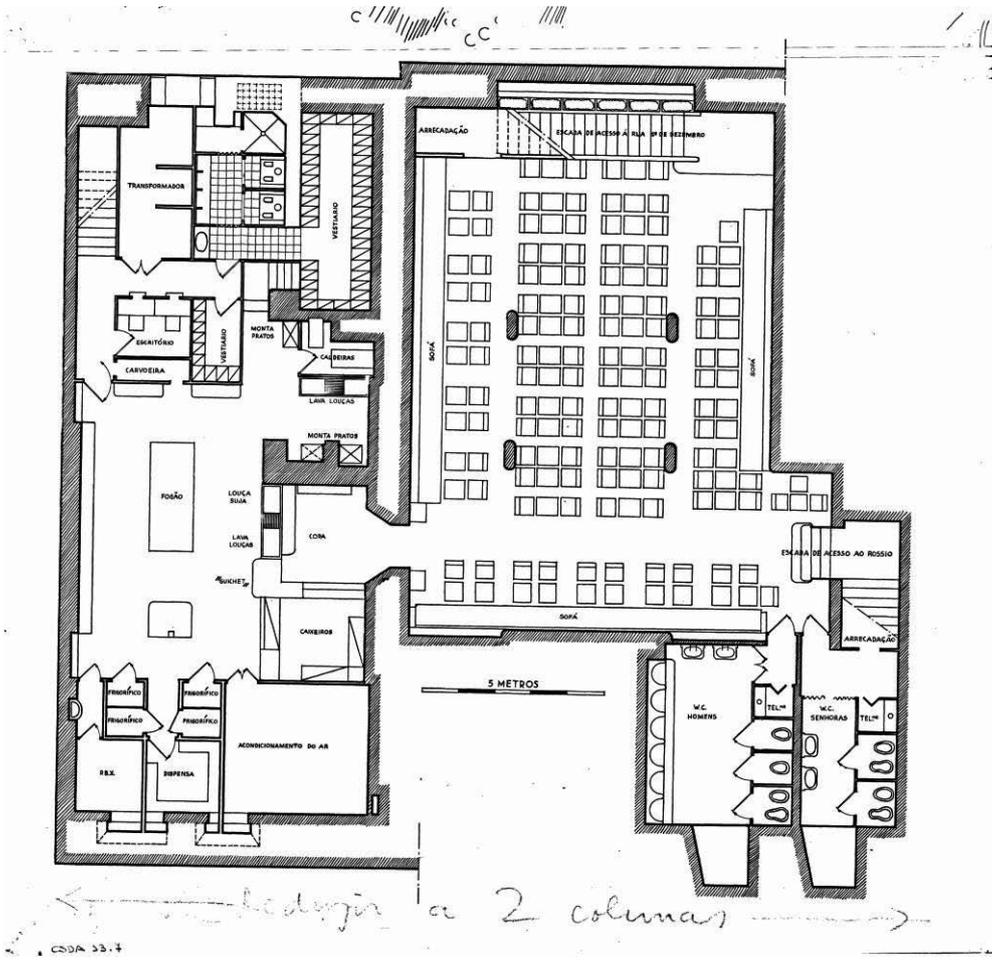
"CAFÉ PORTUGAL"
TETO DO REZ DO CHÃO
ESCALA DE 0,02 P.M.

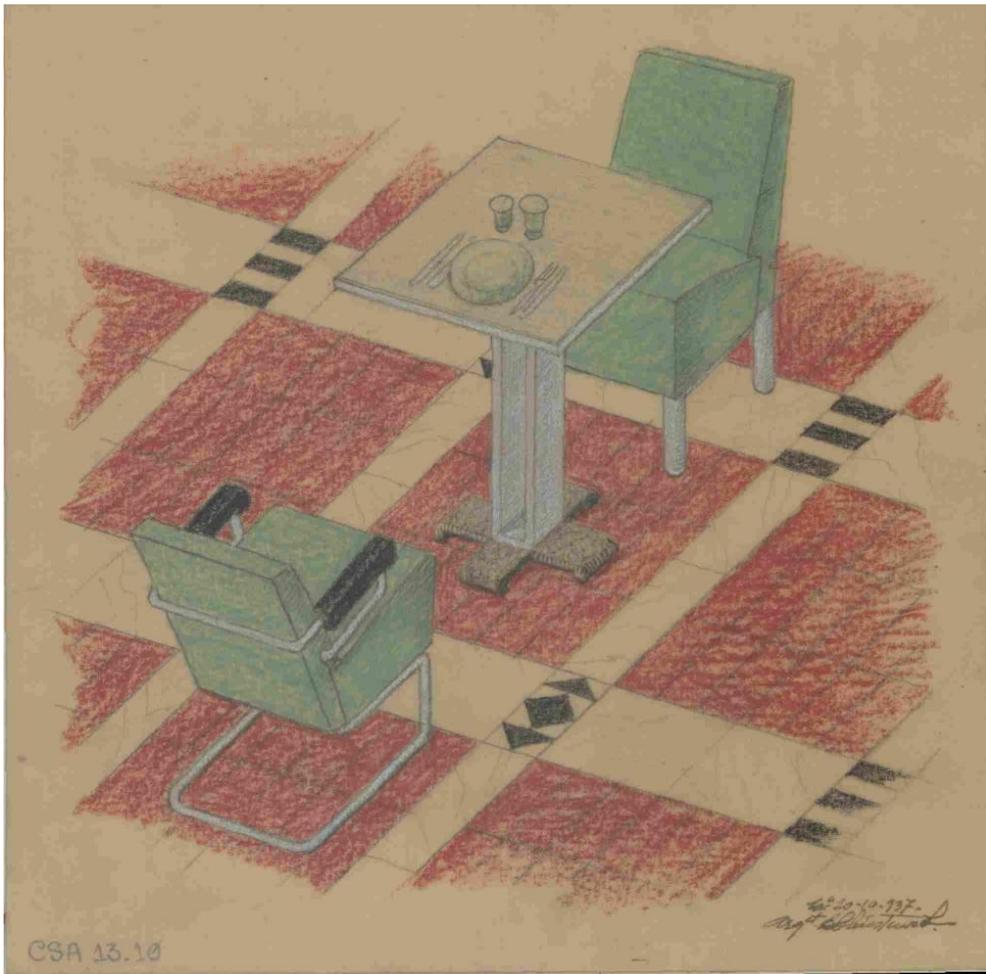


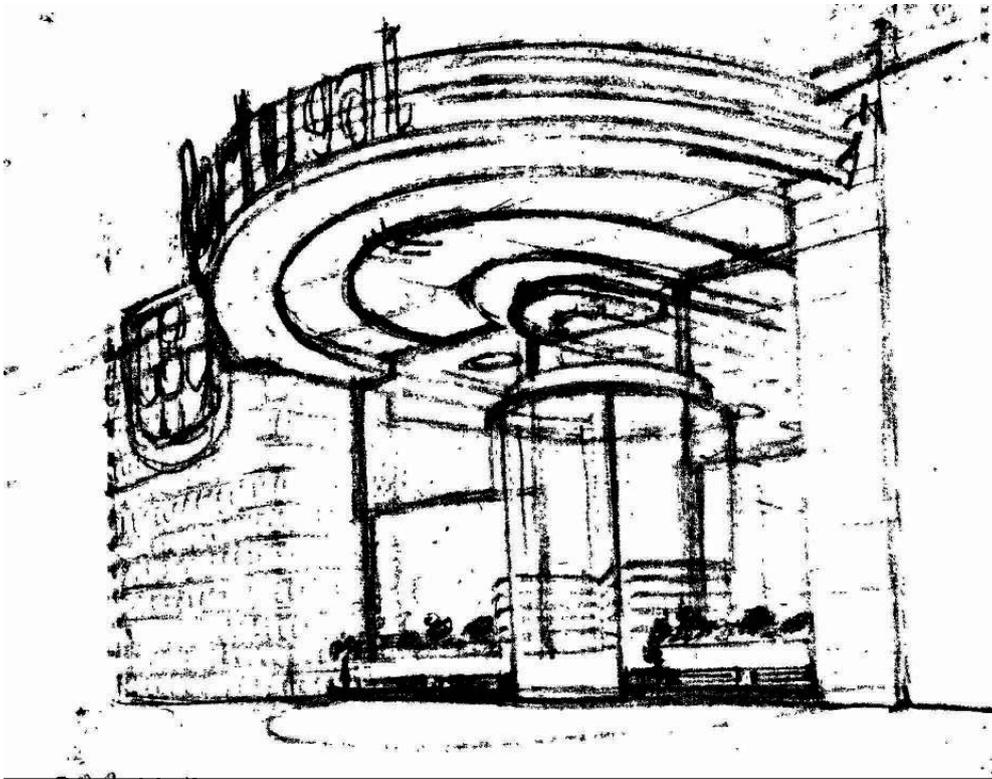
CSDA 33.6

58

LIBROA 8 DE Maio DE 1957
O ARQUITECTO
Alvaro Siza Vieira







Anexo II – Referência a obras de Leopoldo de Almeida

Inventário retirado do trabalho “Vida e Obra do Escultor Leopoldo de Almeida (1898-1975)” de Rita Maria Fonseca, com as obras realizadas para o Bristol Club e o Café Portugal.

<u>Inventário</u>		138
<u>da Obra de Leopoldo de Almeida</u>		
Tipologia	escultura	E 5
Título	Portugal (alegoria Café Portugal)	
Incorporação		
Autoria	Leopoldo de Almeida	
Encomendador		
Data	1937	
Local	Centro Artes Caldas da Rainha	
Nº Inventário	LA-0187	
Material	gesso	
Dimensões	110 x 98 x 34	
Inscrições	Leopoldo/937	
Exposições	SNBA 1938	
Fazia parte da listagem de obras a doar ao Museu Leopoldo de Almeida (205), p.35.		
<p>O Café Portugal foi desenhado por Cristino da Silva e inaugurado a 16 de Abril de 1938. A figura que Leopoldo modela é composta por um ser do sexo masculino, sentado e apoiando-se num dos joelhos, torcendo o corpo até ficar de perfil, segurando uma caravela.</p> <p>O Café já não existe e da escultura perdeu-se o rasto.</p>		
<p>Importa determo-nos um pouco sobre este espaço de tertúlia. José-Augusto França entende-o como o café mais luxuoso do Rossio. (Cf. José-Augusto França, <i>A Arte em Portugal no Século XX</i>, p. 239) e o <i>Poeta Militante</i>, José Gomes Ferreira, descreve o ambiente que se vivia no Café, repleto de inúmeras personalidades: <i>antigos republicanos, socialistas, comunistas, conspiradores, poetas, oficiais de marinha, médicos, operários, advogados, jornalistas – constantemente espiados por uma roda atenta de olhos e ouvidos de informadores da polícia que, por fim, nos miravam quase com simpatia, em virtude da nossa qualidade útil de matéria prima necessária ao seu ofício.</i> (José Gomes Ferreira, <i>Revolução Necessária</i>, p. 204)</p>		
<p>Também José Cardoso Pires deixa passar a mesma ideia quando escreve:</p> <p><i>(...) escritores de resistência à ditadura vigiados, mesa sim, mesa não, por policia de olho aceso.</i> (José Cardoso Pires, <i>Lisboa, Livro de Bordo</i>, p.19)</p>		

Inventário da Obra de Leopoldo de Almeida

22

	Tipologia	Fotografia	F 1
Título	2 figuras decorativas-Bristol Club ou Clube dos Modernistas		
Incorporação			
Autoria	Leopoldo Neves de Almeida		
Encomendador	Mário de Freitas Ribeiro (proprietário do Club)		
Data	1925		
Local	Bristol Club (Rua Jardim do Regedor, Lisboa)		
Nº Inventário			
Material			
Dimensões			
Inscrições			
Exposições			



O projecto de remodelação do Club Modernista deveu-se a Carlos Ramos em 1923 (que o evoca no seu Jubileu em 1967), sendo inaugurado em 1925. Bárbara Coutinho, autora de uma tese sobre Carlos Ramos, entende que ao nível dos interiores, o arquitecto fez uma obra de arte total, colaborando os artistas, António Soares, Almada, Stuart, Eduardo Viana, Barradas, Guilherme Filipe, Canto da Maia e Kradolfer (Cf. Bárbara Coutinho, *Carlos Ramos (1897--1969): obra, pensamento e acção. A procura do compromisso entre o modernismo e a tradição*, p.41-42) Em 1926, a revista *Le Navire D'Argent*, informa os leitores que encontrou em Lisboa um clube com uma construção *d'extreme avant-garde*. (p.42)

Em 1927, José Pacheco entende ser neste clube que se pode ver a Arte Contemporânea que se faz em Portugal, uma vez que o café servia como espaço onde os artistas mais novos podiam expôr.

A importância deste espaço está também relacionada com o facto de ser um local onde se debatiam a arte e a cultura *à mesa do café, ao ritmo de um cigarro e no meio de conversas ocasionais*. (Cf. Andreia Galvão, *A Caminho da Modernidade*, p. 43)

Anexo III – Projeto Café Montanha

Apresentação dos desenhos mais relevantes realizados pelo arquiteto Rui Vaz de Brito Pedro para a remodelação deste espaço, nomeadamente plantas, perfil e corte com representação dos vermelhos e amarelos, a memória descritiva e o pormenor da identificação da capa do projecto. Elementos adquiridos no arquivo da Câmara Municipal de Coimbra.



Ao S. O.

Deferido de harmonia com as informa-
ções dos Serviços Técnicos competentes
Requisição de 26 OUT 1961
do 198
O Presidente,



CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA
Registo de Requerimentos
004650 | 21.AGO.1961

Exm^o Senhor

Presidente da Camara Municipal de Coimbra

C o i m b r a

Exm^o Senhor

CAFÉ MONTANHA, sito no Largo da Portagem, 24, freguesia de S. Bartolomeu, Coimbra, vem requerer a V. Ex^a que lhe seja concedida licença, para substituição do pavimento de madeira por um ceramico e uma galeria tambem ceramica, pelo prazo de 30 dias.

Para efeito junta o respectivo projecto, memoria descritiva e a autorisação dos proprietarios do predio.

Pede Deferimento

Coimbra, 8 de Agosto de 1961

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

DIRECÇÃO GERAL DE SERVIÇOS
DELEGACIÃO GERAL DE COIMBRA

COIMBRA
1961

Registado sub. n.º 315

36

2

VISTO
Arq.^o chefe do 11.ª secção
M. Pires Monteiro



VISTO
Cul.^o chefe do Serviço de Obras
Silva

Câmara Municipal de Coimbra

Requerente

Zona de Protecção

Número da Carta... 9 E.

Cérea... 13 metros (alterações)

Zona... C1B

Confrontações

Norte

Nascente

Sul

Poente

NOTA:

O requerente deve indicar, unicamente a localização do edifício, confrontações do seu terreno e limites do lote.

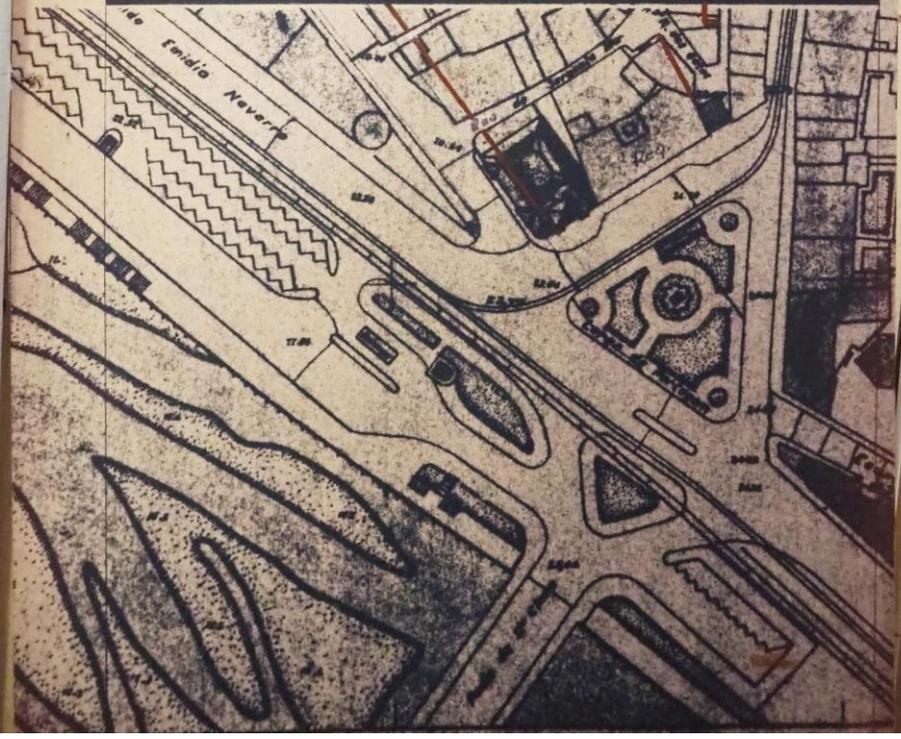
VÁLIDA POR UM ANO

10/8/61.

Planta geral

Escala-1:1000

Não deve iniciar o estudo sem previamente se pôr em contacto com os S. M. C.—água e saneamento. Deve apresentar duas plantas topográficas nos S. M.



PROJECTO DE REMODELAÇÃO DO CAFE MONTANHA
NO LARGO DA PORTAGEM, EM COIMBRA

Memória descritiva

Este "café", situado na zona de recepção da Cidade, pelo ambiente precário e reduzido das suas instalações e consequentemente do seu serviço, não corresponde actualmente ao notável desenvolvimento e embelezamento que nesta parte da Cidade se tem operado.

O deficiente aproveitamento das suas áreas e o elevado pé direito da sala do r/c, conjugaram-se na concepção do presente projecto, que vem igualmente responder à necessidade de aumentar a capacidade, tanto em número de mesas, como de adequadas instalações de serviço.

Assim, esta remodelação consiste essencialmente em:

- 1º Criar uma galeria a meia altura da actual sala do R/C e sensivelmente com metade da área desta.
- 2º Substituir o pavimento e respectiva estrutura do R/C por outro ao nível da soleira mais próxima do passeio.
- 3º Aumentar a cozinha e copa, apetrechando o serviço entre esta e a galeria com um monta-pratos.
- 4º Suprimir a actual escada de acesso à cave, criando outra na prumada da escada para a galeria.
- 5º Ampliar e melhorar as instalações sanitárias e restantes instalações na cave.
- 6º Substituir a caixilharia da fachada.
- 7º Substituir o actual mobiliário por novas mesas, cadeiras, balcões, vitrines, etc.

As obras de construção civil deverão obedecer às seguintes e principais características:

- a) Os pavimentos, em lage macissa ou nervurada de betão, de acordo com o respectivo estudo de estabilidade e revestidas de mosaico de aglomerado de pedra.
- b) As escadas igualmente em betão com os degraus revestidos de pedra.
- c) Os lambrins das salas do R/C e cave, em painéis de material decorativo e apropriado.
- d) A cozinha e instalações sanitárias, além de acabamento para o chão



RUI VASCO DE BRITO PEDRO
ARQUITECTO



semelhante ao das salas, terão as paredes revestidas de azulejo até 2.10.
De aí para cima e também nas salas, as paredes serão pintadas.
e) Na caixilharia da fachada, em estrutura de ferro para pintar, prevê-se
a aplicação de chapa de cristal.
Em tudo o omissso na presente memória serão respeitados os regulamentos e nor-
mas em vigor.

Lisboa, 21 de Julho de 1961

Rui Vasco de Brito Pedro

